



**Universidade de Brasília**

Instituto de Artes

Departamento de Design

**PORTAL CONCRETO:**

Um Manifesto

Brasília, 2018



**Universidade de Brasília**

Instituto de Artes

Departamento de Design

**PORTAL CONCRETO:**

Um Manifesto

Victor Cláudios Santos de Jesus

12/0043301

Relatório de Diplomação apresentado ao Departamento de Design como experiência parcial para a conclusão do curso de graduação em Design com habilitação em Programação Visual da Universidade de Brasília – UnB sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Shirley Gomes Queiroz.

Brasília, 2018



**Universidade de Brasília**

Instituto de Artes

Departamento de Design

## **MANIFESTO PORTAL**

Experiência de Interação: Pessoas e Espaço.

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Shirley Gomes Queiroz

---

Prof. Dr. Tiago Barros Pontes e Silva

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Fátima Aparecida Santos

Brasília, 2018

Dedico este projeto a todos aqueles que se sentiram oprimidos ou pequenos frente os espaços projetados em uma escala não humanizada.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha família pelo apoio incondicional - em especial à minha mãe e meus avós;

Agradeço também à Shirley - que me orientou ao longo dessa jornada - à Paula, ao Pedro, à Patrícia e à Silvana - que sempre estiveram ao meu lado, sendo fornecendo ajuda, conselhos ou inspiração.

*O quadrante do desespero.* — Os pontos de vista e os focos de preocupação variam ao infinito, mas toda reflexão crítica sobre a vida em sociedade envolve uma definição em torno de dois parâmetros básicos. O primeiro é a extensão do hiato entre, de um lado, o mundo tal como ele existe e, de outro, o mundo como ele poderia e deveria ser: o fosso entre o *real* e o *ideal*. E o segundo é o grau de poder e de competência do qual se dispõe a fim de transformar a realidade na direção desejada: o eixo que se alonga do *voluntarismo* extremado, no qual tudo é questão de vontade, ao absoluto *fatalismo* de que as coisas são como são e que não há nada que se possa efetivamente fazer para mudá-las. Na matriz definida pelas combinações desses dois pares, *o quadrante do desespero* tem endereço certo: a percepção de um hiato absurdo entre a realidade e o potencial humano aliada a uma não menos aguda sensação de impotência diante do desafio de impulsionar a mudança. — Enfrentar e neutralizar o repuxo gravitacional do quadrante do desespero é a tarefa diuturna dos que lutam para manter viva a chama da expectativa de algo melhor no futuro — o corpo a corpo da esperança. (GIANNETTI, 2016, p. 76).

## RESUMO

Ao analisar as diversas relações de interação observadas no espaço urbano, o projeto representa os diferentes contextos percebidos por meio da criação de um manifesto. O projeto se materializa em um manifesto para se gerar uma reflexão sobre a forma como as pessoas se relacionam com as outras e com o espaço em que estão inseridas. A pesquisa investigou como se dão essas relações, possibilitando a projeção de uma nova experiência de interação aplicada à escala monumental de Brasília pela marca desenvolvida, e pela materialização aplicada à uma coleção de peças em indumentária.

## PALAVRAS-CHAVE

Manifesto, design gráfico, indumentária, pessoas, espaço.

## ABSTRACT

*By analyzing the multiple relations of interaction observed in the urban space, the project represents the various perceived contexts through the development of a manifest. The project is materialized in a manifest to provoke reflection on the way people interact with each other and with the space they're inserted in. The research investigated how those relations occur, allowing for the design of a new experience of interaction, applied to the monumental scale of Brasília via the developed brand, and by its application to a clothing collection.*

## KEYWORDS

*Manifest, graphic design, indumentary, people, space.*



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Diagrama da metodologia desenvolvida: Etapas idealizadas	14
Figura 2 – Diagrama da metodologia desenvolvida: Etapas alcançadas	14
Figura 3 – Manchete do Diário de Notícias (1959)	22
Figura 4 – Traços do Plano Piloto por Lucio Costa	26
Figura 5 – As quatro escalas de Brasília	33
Figura 6 – Marca PORTAL: Logotipo	42
Figura 7 – Marca PORTAL: Assinatura principal	42
Figura 8 – Marca PORTAL: Exemplos de assinaturas cambiantes	43
Figura 9 – Variação tonal da escala de azul	44
Figura 10 – Cartaz de aplicação da marca e manifesto	45
Figura 11 – Croqui Jardineiro	49
Figura 12 – Cartaz persona Jardineiro (Humanização)	50
Figura 13 – Croqui Ocupante	51
Figura 14 – Cartaz persona Ocupante (Intervenção)	52
Figura 15 – Croqui Funcionário Público	53
Figura 16 – Cartaz persona Funcionário Público (Normatização)	54
Figura 17 – Croqui Turista	55
Figura 18 – Cartaz persona Turista (Apreciação)	56
Figura 19 – Croqui Transeunte	57
Figura 20 – Cartaz persona Transeunte (Resignificação)	58
Figura 21 – Croqui Esportista	59
Figura 22 – Cartaz persona Esportista (Apropriação)	60
Figura 23 – Croqui Detentora	61
Figura 24 – Cartaz persona Detentora (Ostentação)	62
Figura 25 – Questionário: Gráfico de idade	67
Figura 26 – Questionário: Gráfico de gênero	68
Figura 27 – Questionário: Gráfico sobre a sensação que os espaços causam	69
Figura 28 – Questionário: Gráfico sobre a magnitude e grandeza dos espaços	70
Figura 29 – Questionário: Gráfico sobre a interação com os monumentos	71
Figura 30 – Questionário: Gráfico sobre a interação com os monumentos	72

## SUMÁRIO

<b>Capítulo 1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>1.1</b>	Objetivos	11
<b>1.2</b>	Justificativa	12
<b>Capítulo 2</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>13</b>
<b>PARTE I – CONTEXTUALIZAÇÃO</b>		
<b>Capítulo 3</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>16</b>
<b>3.1</b>	Espaço	18
<b>3.2</b>	Brasília, a nova Capital	20
<b>3.3</b>	Projetos de Brasília	25
<b>3.4</b>	Segregação Espacial	27
<b>Capítulo 4</b>	<b>INVESTIGAÇÃO DO ESPAÇO</b>	<b>32</b>
<b>Capítulo 5</b>	<b>PREMISSAS</b>	<b>35</b>
<b>PARTE II – DESENVOLVIMENTO</b>		
<b>Capítulo 6</b>	<b>MANIFESTO</b>	<b>39</b>
<b>6.1</b>	Identidade Visual do Manifesto	42
<b>Capítulo 7</b>	<b>VESTIMENTA &amp; INDUMENTÁRIA</b>	<b>46</b>
<b>Capítulo 8</b>	<b>PEÇAS E PERSONAS</b>	<b>48</b>
<b>Capítulo 9</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>63</b>
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64
	APÊNDICE	67
	ANEXO	76

## 1 INTRODUÇÃO

O projeto tem início com a etapa de fundamentação teórica, e esta pesquisa tem como prerrogativa levantar questões a respeito da materialização das ações do Design, e sua perspectiva de mediação social, assim como a influência do espaço urbano nas relações do sujeito com a sociedade e do sujeito com o espaço que ocupa. Dessa forma, foi feita uma análise sobre o espaço urbano em questão – Brasília, capital do Distrito Federal, a cidade cujo processo de concepção e formação é analisado para atuação do projeto.

A efetividade na aplicação dos projetos acadêmicos desenvolvidos no curso superior em design para o mundo real também foi posta em debate, gerando um questionamento sobre a relação do design com os seus usuários: como o espaço interfere na maneira que as pessoas interagem? Este questionamento se junta à inquietações anteriores e apresenta o projeto como uma experiência de projeção do cotidiano em relação ao espaço urbano em questão. A análise desse contexto foi primordial para a percepção das diversas formas de interação dos usuários de uma cidade, seus cidadãos, com as interfaces existentes em suas relações cotidianas com o espaço, sendo este espaço o território delimitado e caracterizado pelas fronteiras da cidade.

A partir disto o projeto carrega como principal inquietação a vontade de se materializar interfaces e produtos reais atrelados a um processo de design que perceba as problemáticas presentes nas relações sociais do cotidiano e no contexto urbano em que estão inseridas.

### 1.1 OBJETIVOS

Com base nas conceituações levantadas sobre a relação do design como ferramenta de transformação social e percepção sobre as relações presentes no contexto da cidade, na prática, o projeto se assume como uma experiência focada em gerar mais empatia à população sobre as suas interações com o espaço e com os cidadãos ao seu redor; em resposta à pesquisa desenvolvida, tendo como finalidade gerar uma reflexão poética frente ao processo de segregação no cotidiano de Brasília. Nesse sentido, foi elencado como objetivo geral do projeto:

Expressar por meio de uma experiência de reflexão, uma problematização sobre as relações de interação entre os cidadãos brasilienses com o espaço urbano de Brasília e o Distrito Federal.

Os objetivos específicos deste projeto são:

- Desenvolver um manifesto frente às relações de opressão presentes nas interações da população com a escala monumental da cidade em seu cotidiano;
- Atribuir ao manifesto as premissas levantadas sobre a relação de opressão estrutural da cidade;
- Desenvolver uma marca que represente as premissas de ação do manifesto pela materialidade de suas aplicações;
- Criar uma coleção de peças que alinhe conceitualmente os produtos da coleção, assim como as visões e realidades retratadas pela marca desenvolvida;
- Apresentar por meio de um desfile a coleção de peças em indumentária pertencentes a marca.

## 1.2 JUSTIFICATIVA

A ideia para o surgimento dessa pesquisa veio a partir de algumas inquietações pessoais relacionadas a forma que o design pode se manifestar como ferramenta de transformação da realidade, melhorando as experiências de vida em sociedade e as interações da população presentes em um mesmo contexto urbano. Esta motivação surge a partir de reflexões que me trouxeram a questionamentos relevantes sobre o papel do design na sociedade contemporânea e sobre a atuação do designer na academia enquanto agente de transformação da realidade.

O projeto em questão se justifica pela utilização do design em exercício na academia sob a perspectiva ferramental como um agente solucionador de problemas da sociedade; e sob a perspectiva processual como uma experiência de análise e transformação da realidade. Tendo seus produtos concebidos como sínteses do público alvo e de melhorias na experiência de percepção e empatia sobre o espaço urbano. O processo de design foca em gerar uma reflexão sobre o acesso das pessoas à cidade e a forma como os cidadãos interagem e se identificam com a

mesma, servindo tanto para a sociedade quanto no fomento do papel social do design aplicado a projetos que interferem no contexto urbano contemporâneo.

## 2 METODOLOGIA

Existem diversos tipos de dificuldade que podem vir a ser enfrentados durante o processo de criação. Alguns desses problemas não podem ser vistos apenas na teoria, e sim confrontados durante a prática, para que sejam solucionados à medida que surgem. Por esse motivo, foi proposto pela disciplina de Diplomação em Programação Visual que se desenvolva um processo de design indo de acordo com os seus objetivos estipulados.

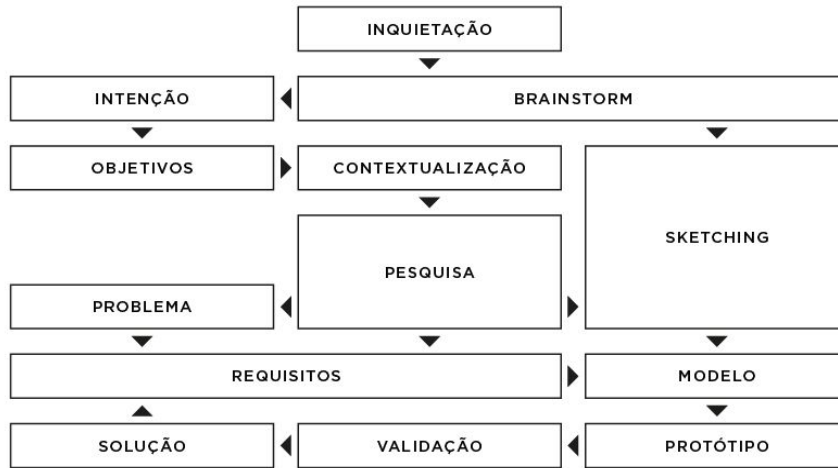
O projeto se propõe inicialmente a analisar as relações de interação mais latentes entre as pessoas e o espaço do contexto urbano estabelecido: Brasília e o Distrito Federal, a fim de se levantar problemáticas e atender à demandas de sua sociedade em específico, sendo essa percepção estabelecida pela análise atrelada ao escopo metodológico do processo.

O método foi elaborado na etapa de investigação inicial do projeto podendo ser testado e melhor aplicado ao decorrer do mesmo, de forma que as etapas fossem independentes e não sequenciais podendo acontecer, ou não, ao mesmo tempo. Este processo não teve intenção de definir um método processual linear e sequencial separado por etapas de pesquisa, observação, aplicação de ferramentas, geração de alternativas, coleta de *feedback* e etc. Mas sim em produzir alternativas que traduzam a intenção fundamental do projeto aplicada ao manifesto objetivado, e também a coleção de peças em indumentária pertencentes à marca Portal, desenvolvida a partir do manifesto. Os produtos em questão foram desenvolvidos de forma a atender os requisitos levantados, e que em contato com o público alvo, possibilitem experiências condizentes aos objetivos do projeto.

Como o presente relatório demanda uma redação linearizada, este apresentará toda a sua estrutura separada em tópicos, entretanto os tópicos serão dispostos em cronologia de execução. Devido a complexidade do método, foi desenvolvido um diagrama visando apresentar de forma clara os caminhos seguidos

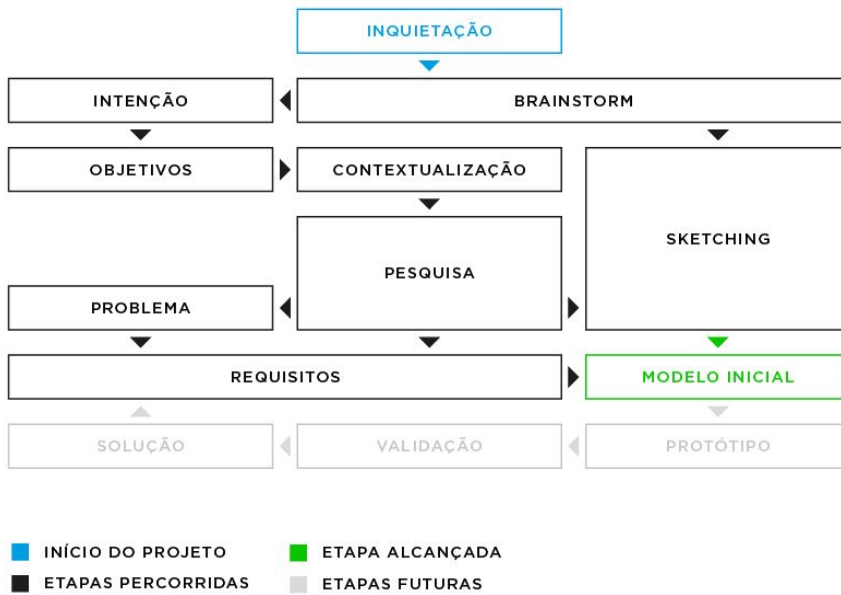
peço projeto, assim como as etapas alcançadas, na visualização das imagens abaixo.

Figura 1 – Diagrama da metodologia desenvolvida: Etapas idealizadas.



Fonte: Figura do autor.

Figura 2 – Diagrama da metodologia desenvolvida: Etapas alcançadas.



Fonte: Figura do autor.

**PARTE I**  
CONTEXTUALIZAÇÃO

### 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As percepções sobre a relação das pessoas com o espaço tem início por meio da análise das interações do sujeito. As características presentes no contexto urbano, seja a visão ou a forma como a população interage em meio à cidade, geram insumos para o desenvolvimento de ações que melhorem as interações presentes no cotidiano da sociedade. As experiências de interação de cada pessoa em uma cidade tendem ao infinito, pois cada uma traça o seu caminho a partir de diversas intenções, necessidades e condições apresentadas pelo próprio espaço. Portanto, o projeto busca gerar uma pesquisa sobre os movimentos de formação da população de Brasília relacionadas a análise do processo de ocupação do Distrito Federal como território disposto à criação da nova capital.

Considerando Brasília como ambiente baseado nos preceitos do modernismo atrelado ao urbanismo, e em comparação com o modelo de sociedade almejada para a cidade, foi posto em análise a sua materialização em relação à sua população até a contemporaneidade. Os resultados e pontos de vista levantados demandaram conceituações sobre a função social do design, sobre espaço e sua identidade. A apresentação de um breve panorama histórico sobre a ocupação urbana direcionou a pesquisa para análise de relações mais subjetivas com o espaço urbano brasiliense, e como se deu esse processo de realização material, assim como a maneira com que as propostas urbanísticas da organização da cidade transitam pelo inconsciente coletivo e pelas interações de sua população.

Rafael Cardoso (2008) aponta como definição “[...] a origem mais remota da palavra [design] está no latim *designare*, verbo que abrange ambos os sentidos, o de designar e o de desenhar”. Ele atribui o design como uma ação correspondente à um desígnio – o termo tem como definição "intenção de realizar algo; propósito." (MICHAELIS, 2015). Em sua obra, Cardoso também atribui o surgimento do design como sendo uma consequência de processos históricos de industrialização sobre os meios de produção, onde o desenvolvimento de novas e mais eficientes tecnologias para a produção impulsionaram os processos de urbanização moderna, sendo responsável por adequar enormes concentrações populacionais à grandes cidades e metrópoles ao redor do mundo. Ele também atribui a globalização como sendo um



importante processo de integração e comunicação, ligando o mundo por meio de suas redes de comércio e transporte. (CARDOSO, 2008, p. 22-23). Portanto, o design se apresenta como consequência das necessidades de um novo contexto de produção e de interações globalizadas para diversas sociedades.

Design é a visualização criativa e sistemática dos processos de interação e das mensagens de diferentes atores sociais; é a visualização criativa e sistemática das diferentes funções de objetos de uso e sua adequação às necessidades dos usuários ou aos efeitos sobre os receptores. (SCHNEIDER, 2010, p. 197)

O autor Beat Schneider define o design a partir de uma visão mais sistêmica e centrada em seus atores sociais e receptores, mas se relaciona à visão de Rafael Cardoso caracterizando o design como uma ferramenta de visualização e interação social capaz de transformar a realidade de uma sociedade. A partir disso, observa-se que a definição de desígnio denota uma intenção, sendo essa ação colocada como pressuposto básico para a formulação do processo de design, pois é o que garante aos agentes sociais adequação do processo à suas necessidades. E essa intenção se traduz em algo a ser desenvolvido a partir do ato projetual.

A industrialização trouxe ameaças ao bem-estar e aos valores morais da sociedade, e foi entre o cruzamento das críticas sociais e morais ao individualismo que nasceram as primeiras propostas de fazer uso do design como agente de transformação. (CARDOSO, 2008).

Atrelado à constatação de Rafael Cardoso, o design se define como processo de materialização de uma intenção centrada em seu usuário, sendo feito de alguém para alguém, ou seja, para o outro, e necessariamente busca uma transformação social aplicada a realidade de seu usuário. Baseado no contexto do sujeito, se caracteriza como uma ferramenta de interação política para a sociedade, e, aplicado à um processo metodológico, o design resulta na criação de algo, seja um artefato, interface, produto ou interação. Portanto, designers são compreendidos nesta pesquisa como mediadores sociais e projetam interfaces que intermediam as relações de interação das pessoas de acordo com suas necessidades e seu contexto, atuando como agentes que determinam e projetam suas ações a partir das necessidades pertencentes ao sujeito que se destina o processo de design.

### 3.1 ESPAÇO

Para gerar percepções acerca da conceituação de espaço é preciso analisar algumas visões sobre o que se têm colocado como definição. Atendo-se à ótica do design centrado no usuário, o espaço é analisado de maneira mais individualizada e empática, colocando o papel do usuário como sujeito das ações e ponto referencial para se levantar percepções.

O filósofo fenomenólogo francês Maurice Merleau-Ponty propõe, sob uma perspectiva filosófica, a conceituação de que “o espaço não é um meio, real ou lógico, onde se dispõe as coisas, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível” (MERLEAU-PONTY, 1996, p. 328). Sob essa perspectiva, no campo da filosofia, o sujeito é tratado como um elemento essencial para a compreensão do conceito de espaço, sendo um importante agente de interação que pode gerar e modificar o espaço a partir de seus objetivos e necessidades culturalmente presentes em seu contexto.

A ótica filosófica sobre o conceito de espaço converge com uma ideia apresentada no campo da Geografia; Eric Dardel, geógrafo humanista francês – que possui um viés mais subjetivo sobre a relação entre a Terra e a humanidade, se opondo à visões mais tradicionais da geografia em que os estudos sobre o mundo são separados do homem que o ocupa – apresenta o espaço em relação ao sujeito de forma que “a realidade geográfica é primeiramente o lugar que está, os lugares de sua infância, o ambiente que lhe chama à sua presença” (DARDEL, 2001, p. 46).

Analisando o espaço a partir de percepções sobre as experiências de quem o vive, tendo o sujeito como o principal ocupante e usuário do espaço, nota-se que é o sujeito o agente que percebe, interage, constrói e transforma a sua localidade.

A partir desta análise, o espaço em sua concretude, ou seja, determinado por suas fronteiras, sejam elas visíveis ou não, é representado pela população que o ocupa; e essas relações de ocupação denotam à manifestação física do espaço elementos diretamente tangibilizados por suas necessidades ali materializadas. Com o desenvolvimento de alterações na materialidade ao seu redor, o sujeito percebe como a ocupação e o histórico das interações de uma sociedade interferem nas características do espaço que ocupa.

No contexto urbano de uma cidade, por exemplo, o autor Gui Bonsiepe afirma que o processo de interação de seus ocupantes gera um espaço mais identitário, pela necessidade do sujeito se identificar e se determinar em meio ao contexto do espaço e das pessoas que o cercam. “A busca de identidade é motivada pelo desejo da autonomia, vale dizer, o poder e a capacidade de co-determinar o próprio futuro” (BONSIEPE, 1992, p. 14).

O agente transformador é a população que ali reside e, portanto, designa-se à cidade um formato baseado em necessidades, normas, processos de ocupação, manifestações culturais e demais ferramentas de interação política ali estabelecidas (BONSIEPE, 1992). Sob essa ótica os elementos convencionados socialmente se tornam prerrogativas para o exercício das intenções coletivas que, ao serem implementadas, criam um vínculo do sujeito com a localidade em si, e com isso um senso de pertencimento com o espaço, dando origem a uma identidade espacial.

[...] o espaço concreto em si (com seus atributos naturais e socialmente construídos) que é apropriado, ocupado por um grupo social. A ocupação do território é vista como algo gerador de raízes e identidade. Um grupo não pode mais ser compreendido sem o seu território, no sentido de que a identidade sociocultural das pessoas estaria inarredavelmente ligada aos atributos do espaço concreto (natureza, patrimônio arquitetônico, paisagem). (SOUZA apud CASTRO et al., 1995, p. 84).

A forma com que se configura essa percepção do espaço concreto pelo campo da Geografia vai de acordo com a ótica de Bonsiepe apresentando o espaço urbano como um elemento indissociável para a caracterização e definição sobre a identidade de uma sociedade. Observa-se que o sujeito, quando associado a um grupo, desenvolve um senso coletivo por meio das suas interações com o outro. Um elemento fundamental para a relação do sujeito com o outro é a identidade, principalmente em escala coletiva, por se tratar de uma interação de âmbito social.

Há confirmação do outro por mim e de mim pelo outro. Aqui é preciso restaurar a experiência do outro deformada pelas análises intelectualistas, assim como precisaremos restaurar a experiência perceptiva da coisa. [...] A identidade da coisa através da experiência perceptiva é apenas um outro aspecto da identidade do corpo próprio no decorrer dos movimentos de exploração. [...] Engajo-me com meu corpo entre as coisas, elas coexistem comigo enquanto sujeito encarnado, e essa vida nas coisas não tem nada de comum com a construção dos objetos científicos. (MERLEAU-PONTY, 1996, p. 252).

Nota-se pela afirmação do filósofo que as percepções sobre o espaço norteiam quem são os seus principais agentes de transformação, apresentando padrões sobre a relação das pessoas com o espaço urbano. Assim como o rastro das ações da sociedade moldam o espaço urbano em que estão inseridas, também geram interações sociais caracterizadas pela mutualidade em sua convivência e em suas ações de interferência no território.

Os seres humanos ocupam o espaço através da sua materialização e atividade mental, mas os dois não podem ser separados, na verdade "espaço" pode ser considerado como o produto de uma mentalidade materializada: Mesmo quando nos relacionamos a coisas que não estão em nosso alcance de materialização imediato, mantemos conosco a coisa em si em nossa atividade mental. Nós não representamos coisas apenas em nossa mente – como dizem os livros didáticos – para que apenas representações mentais de coisas distantes apareçam em nossas mentes e que outros pensamentos surjam como substitutos para elas. (WILLIS, 2014, p. 07).

Denota-se que a presença das pessoas e a forma como materializam suas intenções no espaço não se aplicam apenas à construção material desses espaços, pois a atividade mental também está incorporada à realidade material planejada e a forma como são ocupados pela sociedade. Por meio da atividade mental coletiva presente no espaço de coexistência característica de uma localidade, ali materializa-se também a identidade de uma sociedade.

A partir das constatações levantadas, percebemos que as cidades se formam pelas necessidades e interações sociais do indivíduo; assim, uma cidade depende das relações que os grupos de pessoas exercem no espaço que estão inseridas. O agrupamento de pessoas pela proximidade territorial (pertencentes à mesma localidade) garante a materialização de espaços que atendam às suas necessidades individuais e coletivas, gerando novas dinâmicas sociais diretamente resultantes das interações cotidianas de ocupação deste espaço.

### **3.2 BRASÍLIA, A NOVA CAPITAL**

Para compreender o surgimento das dinâmicas sociais e urbanísticas do Distrito Federal, espaço em que este projeto se aplica, é necessário primeiro contextualizar

o processo de construção de Brasília<sup>1</sup>, assim como a idealização da nova capital e sua ocupação territorial. Ronaldo Costa Couto (2002) apresenta um levantamento histórico de Brasília, afirmando que ela enquanto espaço, desde sua concepção, leva a premissa de ser uma cidade planejada e diferenciada dos demais centros urbanos brasileiros. A construção da terceira capital do país também buscava uma proteção geográfica para o seu território, assim como apresentava um desejo político audacioso para a época: um plano de desenvolvimento econômico e social de maior integração ao ligar o interior do país às demais regiões brasileiras.

Juscelino Kubitschek, como presidente do Brasil, materializou Brasília como sendo um dos maiores projetos de seu mandato, e a construção de uma nova capital no final da década de 50 representava um dos maiores desafios enfrentados pelo seu governo. As dificuldades e o complexo cenário político por trás de suas ações de desenvolvimento econômico se tornaram suas principais motivações, dando origem à necessidade de que fossem criadas narrativas de teor vocativo aplicadas em uma campanha nacional de transferência da capital para o interior (COUTO, 2002).

As manchetes que estampavam os jornais e principais meios de comunicação do Brasil nas décadas de 50 e 60 salientaram as dúvidas e as promessas de Brasília como a “capital da esperança”, título dado à cidade pelo escritor francês André Malraux, sendo este um símbolo narrativo para este período de investimentos econômicos, culturais e de modernização na industrialização do Brasil.

Nesta cidade que tem sua origem na vontade de um homem e na esperança de uma Nação, como as antigas metrópoles surgiram da vontade imperial de Roma ou dos herdeiros de Alexandre, o Palácio da Alvorada que edificastes, a catedral que haveis projetado nos trazem algumas das formas mais arrojadas da arquitetura, e, ante aos esboços da futura Brasília, percebemos que a cidade inteira será a mais ousada que jamais o Ocidente haja concebido. Em nome de tantos monumentos ilustres que povoam nossa memória, graças vos sejam dadas por haverdes depositada confiança em vossos arquitetos para criar a cidade e em vosso povo para que lhe tenha amor. Tal ousadia, sabemos como alguns a temem, mesmo dentre amigos vossos. Mas se eles não se enganam quanta a resplendente originalidade desses projetos, é passível que apreendam mal o que lhes confere decisivo valor histórico. É chegada a hora de compreender que a obra que começa a erguer-se diante de nós e a primeira das capitais da nova civilização. (MALRAUX, 1959).

---

<sup>1</sup> Brasília é uma das trinta Regiões Administrativas do Distrito Federal. É enumerada como RA I dentre os núcleos urbanos do Distrito Federal: Região Administrativa de Brasília (RA I – Brasília).

Descrita principalmente como a cidade das novas oportunidades pelas manchetes da época, Brasília acabou gerando uma grande oferta de empregos, em particular no setor da construção civil, tendo como principais áreas o planejamento enquanto cidade e a mão de obra para sua edificação. A nova capital abarcou, em sua concepção, o sonho de grande parcela da população brasileira em conquistar condições melhores de vida para o centro do país, sendo um atrativo tanto para as pessoas oriundas de capitais mais desenvolvidas quanto para a população de regiões mais precárias e distantes, que viam nesse movimento de migração uma oportunidade de construir uma nova realidade na busca de ascensão financeira, garantindo-se como a mão de obra demandada para a construção da nova capital.

Figura 3 – Manchete do Diário de Notícias (1959).



Disponível em: <[http://memoria.bn.br/docreader/093718\\_03/53827](http://memoria.bn.br/docreader/093718_03/53827)>

Acesso em: 17 jun. 2018.

A pressa para a inauguração de Brasília no Planalto Central já refletia, no início de sua história, um cenário de desigualdade social, e não demorou muito para que surgissem os primeiros casos de violência e descaso político no processo de construção da cidade. Não são poucos os relatos silenciados e histórias da época que apontavam jornadas de trabalho excessivas, condições precárias de serviço, baixíssima remuneração e inúmeras ocorrências de acidentes nas construções da cidade, que muitas vezes levaram a morte dos então denominados candangos<sup>2</sup> (COUTO, 2002). A propaganda da “capital da esperança” era massivamente construída e divulgada pelo governo, enquanto a população continuava aguardando a inauguração da cidade – assim como a sua própria construção era, para muitos, uma oportunidade de se construir uma vida nova –, tornando Brasília um ímã de transeuntes em busca da prosperidade anunciada pelo governo, principalmente em suas terras mais carentes.

<sup>2</sup> A nomenclatura “candangos” foi dada como nome à população de operários e serventes que trabalharam na construção de Brasília, geralmente é mais ligada aos oriundos do Nordeste do Brasil.

Esse processo de propaganda apresenta um caráter alienador sobre aqueles que vieram como mão de obra na construção da cidade, pois não sabiam qual viria a ser o real contexto do exercício de sua força de trabalho, que acabou se provando ser exploratório e insalubre. Além disso, o que mais importava para a população de candangos era a chance de construir, junto à cidade, uma nova vida atrelada às ascendentes oportunidades de renda e moradia que eram propagandeadas na época. No entanto, a população operária não teve acesso às oportunidades geradas pela capital que construíram (COUTO, 2002).

O ato de inauguração da nova capital ocorreu no dia 21 de abril de 1960, e representou simbolicamente a transferência da sede do governo para Brasília. No entanto, a cidade ainda não se encontrava completamente construída, e muito restava a ser feito. Em pronunciamento oficial durante a cerimônia de inauguração, o presidente Juscelino Kubitschek (1960) declara que, a partir, daquele momento, “Brasília se tornava a Capital Federal da pátria brasileira, centro das futuras decisões políticas, cidade da esperança, torre de comando da batalha pelo aproveitamento do deserto interior”.<sup>3</sup>

A chegada de pessoas dos mais diversos cantos do país e o processo migratório, em tese, transformariam Brasília em um ambiente de alta convergência entre realidades e contextos brasileiros divergentes, tanto em seus costumes quanto em hábitos e elementos característicos mais tradicionais, portanto, a identidade de uma população “brasiliense” seria um reflexo de algo menos regionalizado e mais pluralizado, agregando a si uma maior diversidade de elementos genuinamente brasileiros, porém muito diversos por estarem presentes em uma nação de dimensões continentais e descentralizada culturalmente.

A vida em Brasília, ela própria, seria obra-prima. Trabalhadores e governantes embarcariam no mesmo avião. O Plano Piloto, onde compartilhariam escolas, clubes e comércios, cruzariam motorizados suas longas avenidas margeadas de verde e vivenciariam a arte no seu cotidiano, ao ar livre. Gente de todo o Brasil constituiu lar entre seu solo vermelho e o manto de liberdade do céu do Planalto Central. Vieram sonhados, cada um à sua maneira. O sonho de uns era concreto. Viveriam nos apartamentos funcionais de linhas austeras, térreo livre e horizonte garantido. Criariam raízes onde acreditavam nada haver. Outros enxergariam seu futuro em cores nativas. Suas Brasília utopias não se extinguiriam nos limites

---

<sup>3</sup> Trecho do discurso do Presidente Juscelino Kubitschek, retirado do Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, 22 de abril de 1960 (Anexo).

retângulos do Distrito Federal, nem no mito de uma civilização erguida num vácuo simbólico. (TOSTA, 2013).

Após o planejamento e início de sua construção material, Brasília então se desenvolveria em meio a uma desordem organizada. Frederico de Holanda (2006) afirma que os planos de uma cidade integrada e plural foram sobrepostos por uma atmosfera urbana rígida, monumental e de trabalho burocrático. Por concentrar os poderes executivo, legislativo e judiciário do país, a cidade carrega desde sua inauguração uma alta e crescente demanda de funcionários para os cargos de serviço público, configurando-se uma ótica de interação e função social da cidade já enraizada no pensamento de seus moradores até os dias de hoje.

A utopia modernista dos anos 60 que fundamentou a cidade não consistia somente no projeto, mas no processo. A premissa era de que esse processo transformaria para melhor a vida de milhares de candangos, porém essa premissa não se realizou na prática. Brasília destinava-se aos detentores de melhores condições financeiras, pois espaços de moradia da cidade eram caros e setorizados sob uma ótica de serviço. A população de candangos não possuía tal remuneração salarial para bancar os altos custos de moradia no centro, pois eram apenas operários e já haviam cumprido o seu papel de erguer os monumentos da cidade planejada; lentamente percebeu-se que a cidade não havia sido planejada para eles.

[...] a “cidade real” se impôs. Mas foi forçada a fazê-lo fora e longe da “receita”. Trabalhadores migrantes localizaram-se em inúmeras “invasões”, jargão local para assentamentos informais, alguns muito próximos ao Plano Piloto. O governo reagiu e, em ondas sucessivas, providenciou sua transferência para mais além, dando origem aos núcleos satélites. Seguiu recomendação expressa de Lucio Costa: “sempre insisti junto aos responsáveis pelo desenvolvimento de Brasília no sentido de evitar-se por todos os meios o deprimente espraiamento ‘suburbano’ do chamado Plano Piloto”. (COSTA apud HOLANDA, 2006).

Assim ocorreu a exclusão dos candangos, os migrantes que possibilitaram a construção de uma nova identidade subjacente à brasileira, que deram as suas vidas e sua força de trabalho para integralizar um objetivo muito maior que o próprio, que mudaram radicalmente as suas vidas por conta deste processo, mas que nunca deixaram de sonhar com condições melhores de vida e de sobrevivência. Os casos vivenciados no processo de busca por moradia e subsistência da população de candangos serviram de base para uma nova materialização espacial do entorno.



### 3.3 PROJETOS DE BRASÍLIA

Também conhecida como um museu a céu aberto, e renomada por agrupar em sua estrutura diversos monumentos do arquiteto Oscar Niemeyer, a nova capital veio a ser reconhecida mundialmente pela UNESCO como Patrimônio Cultural da Humanidade. Esse título se deve muito ao projeto e ao processo de concepção da cidade. No dia 03 de setembro de 1956 foi publicado o concurso para o projeto de construção da cidade, então chamado de “Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil”. Era direcionado a profissionais interessados em idealizar o plano piloto da nova capital, desde sua concepção até a construção da cidade, e prevendo mínimas soluções para a ideia disposta no edital.

3. O Plano Piloto deverá abranger:

a. traçado básico da cidade, indicando a disposição dos principais elementos da estrutura urbana, a localização e interligação dos diversos setores, centros, instalações e serviços, distribuição dos espaços livres e vias de comunicação (escala 1:25.000);

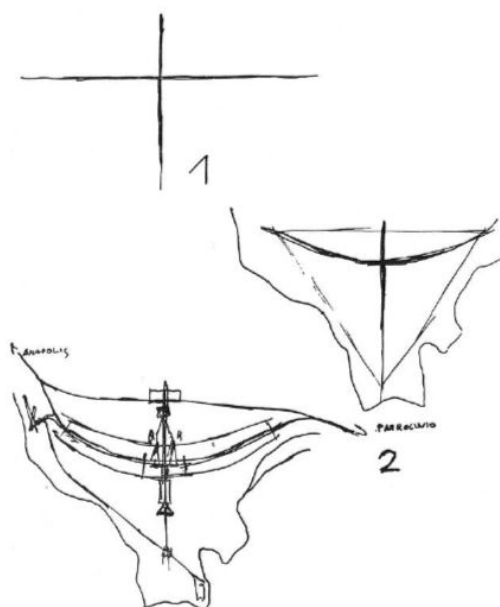
b. relatório justificativo.

(NOVACAP apud. TAVARES, 2004, p. 96)

Uma concepção modernista de urbanismo estava em destaque como ótica presente na arquitetura da época, segundo o arquiteto e urbanista Milton Braga (2010), entre os concorrentes era quase unânime a influência do movimento, assim ele afirma "É um momento da nossa história em que a gente tinha pessoas muito bem preparadas, um projeto de futuro e uma visão de país que talvez nunca tivemos nem antes, nem depois. Brasília era um projeto de país, e toda essa visão produziu coisas incríveis". O projeto vencedor, escolhido em meio a 26 propostas de projetos submetidos ao concurso, foi assinado pelo urbanista Lúcio Costa.

Brasília surge como uma cidade edificada sobre preceitos genuinamente modernistas; planejada como a “cidade em formato de avião”, apresenta em várias escalas um modelo de organização setorizada, e a distribuição espacial encabeça inclusive a noção de centralidade das funções a serem exercidas por sua população no contexto de cidade projetada, a fim de dinamizar as relações de interação das pessoas com o espaço. Destaca-se essa setorização como a premissa básica de de Lúcio Costa em seu projeto para o plano piloto.

Figura 4 – Traços do Plano Piloto por Lucio Costa.



Fonte: Retirada do livro Relatório do Plano Piloto de Brasília (1957).

O traço primário sinaliza um encontro: dois eixos – um reto e um arqueado – que se cruzam e formam um ponto de confluência em seu encontro. Esse ponto é a representação de uma entidade imensurável: ele não tem dimensão, apenas existe; é a convergência, pura e simples. A partir disso, percebemos que Brasília busca em sua materialidade espacial os conceitos de organização e centralidade aplicados em diversas escalas. O eixo arqueado carrega em si a concentração residencial, enquanto o eixo transversal, retilíneo, carrega os centros cívico e administrativo, setores culturais, centro de diversões e outras funções que elucidam a escala monumental da cidade.

(...) a concepção urbanística da cidade propriamente dita, porque esta não será, no caso, uma decorrência do planejamento regional, mas a causa dele. (...) Ela deve ser concebida não como simples organismo capaz de preencher satisfatoriamente, sem qualquer esforço, as funções vitais próprias de uma cidade moderna qualquer, não apenas uma urbs, mas como civitas, possuidora dos atributos de uma capital. (...) Cidade planejada para o trabalho ordenado e eficiente, mas ao mesmo tempo cidade viva e aprazível, própria ao devaneio e à especulação intelectual, capaz de tornar-se com o tempo, além de centro de governo e administração, num foco de cultura das mais lúcidas do país. (COSTA apud LAURIANO, 2014).

### 3.4 SEGREGAÇÃO ESPACIAL

O plano de uma nova capital vinha acompanhado da utopia de uma nova sociedade. Porém, quando essa ideia se chocou com a materialização desse espaço na prática, a cidade seguiu caminhos diferentes, fazendo com que o seu desenvolvimento se desse em torno de questões que abrangem a realidade de várias outras cidades brasileiras; por mais que muitos brasileiros, e principalmente brasilienses, não percebam, a cidade foi moldada sobre uma silenciosa estrutura de segregação.

A formação do subúrbio brasiliense não ocorreu como na maioria das outras localidades. Essa comparação é complexa, pois o Distrito Federal tem características que o difere de um estado e de um município. No entanto, pode-se dizer que o subúrbio brasiliense é formado por tudo que não faz parte do projeto do Plano-Piloto, incluindo as áreas suburbanas de alta renda (os Lagos Norte e Sul, Park Way, condomínios, etc.). É composto pelas Regiões Administrativas, também denominadas Cidades Satélites, que não foram criadas objetivando um projeto de desenvolvimento, mas, sim, para acomodar a população indesejada nas cercanias do poder. Atribui-se a afirmação a Israel Pinheiro de que o Plano-Piloto deveria estar livre de estudantes e operários (Bomeny, s. d.). As Cidades Satélites foram criadas para “acomodar” a população indesejada que “invadia” a Capital. (LAURIANO, 2014).

O crescimento do entorno de Brasília em relação ao Distrito Federal levanta questões importantes sobre como se manifestam as interações da população como o espaço projetado por Lúcio Costa. As limitações do acesso à cidade, sendo essa uma relação direta à ótica de gentrificação nos processos de expansão urbana recorrentes em outras cidades brasileiras, é consequência da maneira com que o espaço central de Brasília foi delimitado por sua territorialidade, mostrando que o seu entorno territorial é a materialização de um processo de ocupação popular e de expansão de novas áreas, então periféricas, que surgiram ao redor de Brasília.

Aldo Paviani (2005) afirma que as contradições sociais da nova capital federal surgem antes mesmo de sua inauguração em 1960; Brasília já carregava, em sua história, não só a violência contra os trabalhadores que sofreram com as longas e desumanas jornadas de trabalho como também a segregação socioespacial.

Contemporaneamente, essa segregação já se naturalizou e é vista facilmente pela geografia do Distrito Federal. Na década de 60, no entanto, começou a ser aplicada de forma sorrateira, pela realocação forçada de muitos dos acampamentos de obra das áreas centrais para núcleos mais distantes, e assim se deu a formação

de muitas das periferias da cidade e se iniciou o processo de higienização social das áreas centrais (PAVIANI, 2005). Um exemplo disso foi a criação da primeira cidade satélite, Taguatinga, criada em 1958, dois anos antes mesmo da inauguração da nova capital. Ela surgiu para abrigar muitos dos trabalhadores que migravam para a construção de Brasília, mas que não encontravam moradia em acampamentos de obras mais próximos do centro.

Na realidade, as forças que agem no sentido de periferizar, com sucessivas “limpezas” de acampamentos de obras e de favelas do Plano Piloto, são as mesmas que atuam no sentido de concentrar, elitizando o centro. Concentram, no Plano Piloto, o poder político e a administração, os melhores postos de trabalho (e, logicamente, os mais altos salários e rendas), as áreas de mansões e de apartamentos duplex e triplex; desconcentram, em direção às cidades-satélites, as “habitações de baixo custo” (sempre estimuladas com mutirões), e, com elas, os empobrecidos moradores, geralmente favelados, referidos como “população de baixa renda”. (PAVIANI, 2005, p. 140)

O inchaço populacional da capital veio de forma rápida; o crescimento da população em poucos anos já ultrapassava as expectativas e o planejamento do governo. Com isso, a falta de moradia e ofertas de emprego que abarcou todo esse contingente populacional culminou em um processo de alta especulação imobiliária, encarecendo de forma abrupta os preços dos imóveis das áreas mais centrais – principalmente as do plano piloto de Brasília (GOUVÊA, 2005).

Dentro desse contexto, o surgimento e o inchaço das áreas periféricas foi inevitável, e essas áreas logo se depararam com posturas relapsas do governo, que direcionava poucos recursos e baixos investimentos para elas. Problemas de infraestrutura, como os de saneamento básico, transporte e outros que suprissem as necessidades básicas da população tornam-se recorrentes.

Como afirma Luiz Alberto Gouvêa, no Brasil observa-se a existência de uma higienização implícita aos grandes centros; o capital se movimenta de forma estratégica e, ao mesmo tempo em que se concentra em pólos comerciais centrais, se afasta a população de baixa renda, empurrando-os para áreas periféricas e marginalizadas em relação ao plano piloto.

O processo de criação de núcleos dormitórios pulverizados no território do DF intensificou-se com a inauguração de Brasília em 1960. Assim, para abrigar os acampamentos de obras, foram criadas as cidades-satélites do

Gama, Sobradinho, a Vila Vicentina em Planaltina e a Vila São José em Brazlândia. (GOUVÊA, 2005, p.349)

No contexto urbano de Brasília, seus moradores já têm naturalizado o não pertencimento do entorno ao território oficial da capital federal em suas vivências cotidianas, e essa dicotomia de pertencer, mas ao mesmo tempo não fazer parte do espaço brasiliense gera uma segregação espacial fundamentada na intenção inicial de seu projeto de construção e de ocupação oficial do espaço, consequência da ótica modernista de setorização espacial. O cotidiano da população que reside nas periferias é marcado por uma migração pendular, que dura aproximadamente duas horas por dia dentro de transportes públicos lotados. Essa dinâmica cria uma espécie de toque de recolher na cidade, visto que os moradores de cidades periféricas precisam retornar para casa nos horários limitados de transporte disponível (HOLANDA, 2006).

Frederico de Holanda também afirma que fortalecimento das barreiras invisíveis entre Brasília e o seu entorno representa o viés marginalizado atribuído aos territórios não inicialmente planejados pelo projeto do plano piloto da cidade. Os territórios oriundos da ocupação pela população marginalizada, que era composta principalmente por candangos, foram então intituladas como cidades-satélites. Estas cidades, que metaforicamente foram denominadas como espaços que orbitam um pólo espacial central, no caso Brasília, foram se expandindo e sendo ocupados pelos próprios construtores da cidade que ali encontraram uma forma de construir sua residência e se manterem próximos a capital, que ainda possuía mais oportunidades de emprego e renda.

A cidade que os candangos ergueram e se dedicaram para materializar não foi feita para eles residirem; o alto custo de vida que viria a se tornar característico do padrão econômico da população da cidade só poderia ser mantido por classes sociais mais altas, atrelando à territorialidade do Distrito Federal uma ótica de divisão de classes em seus espaços, na qual quanto mais próximo do centro, melhor a condição de vida sobre a localidade.

Os primeiros núcleos periféricos são anteriores ao concurso público de projetos para a Capital, lançado em 1956 e julgado em 1957. Dois núcleos preexistentes foram incorporados ao território do novo município de Brasília: Planaltina, dos anos 1850, e Brazlândia, dos anos 1930. Mas já em 1956 as

obras iniciais atraíram os primeiros migrantes: o começo da construção do Palácio da Alvorada e da barragem para formar o lago Paranoá antecederam o concurso. Taguatinga, de 1958, visou desocupar sítios de assentamentos informais auto produzidos pelos trabalhadores. Seguiram-se outros núcleos (são bairros, não “cidades”, como reza o discurso oficial), sempre na periferia longínqua, para transferir assentamentos informais ou para remanejar moradores de “fundos de lote” nos núcleos anteriormente implantados e excessivamente adensados. (HOLANDA, 2006).

Por conta desse processo de segregação, os então denominados brasilienses – sendo residentes de territórios oficiais planejados da capital federal – possuem um cotidiano mais direcionado, dependente e concentrado nos espaços mais centrais e reconhecidos como partes da capital, e, a partir disso, temos a categorização dos espaços não pertencentes à Brasília como outras cidades, satélites então periféricos.

Essas profundas fissuras nas sociedades periféricas conferem ao debate do design na periferia uma inevitável dimensão política. Isto dificilmente se pode compreender partindo de uma perspectiva de um país central. Na periferia, os problemas do design são menos de caráter técnico-profissional e mais de caráter sociopolítico. (BONSIEPE, 1992, p. 13)

Portanto, com a pesquisa, levantamos alguns dos pontos centrais sobre os processos de formação e ocupação urbana, aprofundando para além do campo do Design e da Arquitetura. Em um sentido político, temos como consequência análoga aos processos de formação do espaço urbano de Brasília e do Distrito Federal os problemas de mobilidade urbana, alta segregação socioespacial, estabelecimento de uma especulação imobiliária, migração diária, ocupação de terras irregularmente e a suburbanização periférica. A partir disso se estabelece ao processo uma provocação sobre a relação do indivíduo com a cidade, e também fora dela: quais são as forças que regem essas relações? É essencial notar como o indivíduo é coagido dentro dela, pois as forças opressoras dentro desse espaço segregam a população e condicionam seus movimentos, moradia e seu cotidiano.

De acordo com Amélia Luisa Damiani (1999), percebe-se no cotidiano da cidade, uma banalização em relação ao termo “invasão” sendo algo difundido como irregularidade sobre a forma que se organiza o território, principalmente pela grande mídia, atendendo a ótica de gentrificação no acesso à cidade. Conclui-se que a estrutura de interação das pessoas com o espaço, moldada na concepção da cidade, delega ao espaço a função social do ambiente em que vivemos, e esse

espaço direciona que devemos nos comportar e interagir de acordo como a disposição dos espaços, sendo ela intencionada, moldada e difundida desde sua concepção até hoje.

Dos estudos sobre os sociais produzidos e reproduzidos na/pela cidade, ou melhor pela metrópole, podem derivar ou não, estritamente, o aspecto avassalador, quase intransponível da situação social, que se vive, mas a potência histórica dessa resistência. É nela que todos devemos nos concentrar. É o que podemos oferecer como pensamento às ações de múltiplos movimentos sociais urbanos, que resistem na cidade, à crise da cidade. É decifrar a resistência, organizada ou não, como cultura, humanizada e humanizadora. (DAMIANI,1999, p. 120)

O artigo sexto da Constituição Federal (1988), em seu parágrafo único, estabelece como direitos sociais básicos a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância e a assistência aos desamparados. Observa-se que um desses direitos básicos é à moradia, que deve ser digna e salubre. O direito que dá legitimidade a uma ocupação é o direito constitucional à moradia, de forma que ocupar um lote vazio ou sem função social, ou até mesmo um prédio ou casa que estejam abandonados, não deveria ser, nessa lógica, reduzido a invasão.

#### 4 INVESTIGAÇÃO DO ESPAÇO

Ao início desta etapa, primeiro, é necessário se trazer o conceito do termo escala. Segundo o dicionário temos escala como sendo uma “série de espaços separados por traços ou pontos, usada para medir distâncias ou quantidades; graduação” (MICHAELIS, 2015).

Brasília possui quatro escalas que traduzem materialmente e organizam as relações pensadas para as edificações, são elas as escalas residencial, monumental, gregária e bucólica. A fim de se otimizar as experiências de interação espacial de Brasília, a compreensão sobre as escalas trazem os preceitos de Lucio Costa elaborados na prática em seu planejamento setorizado.

Entre 1985 e 1987, Lucio Costa publicou o documento Brasília Revigorada, com o intuito de traçar diretrizes para que a capital continuasse a crescer sem se distanciar da proposta inicial. Para isso, definiu uma gramática da cidade, evidenciada pela delimitação de quatro escalas urbanas, cada uma com morfologia, regras e localização próprias. Costa optou pela preservação das escalas e não de edificações, de modo que edifícios podem ser demolidos e construídos novamente, desde que sigam os gabaritos de cada escala, mantendo sempre o aspecto novo da cidade. As escalas são:

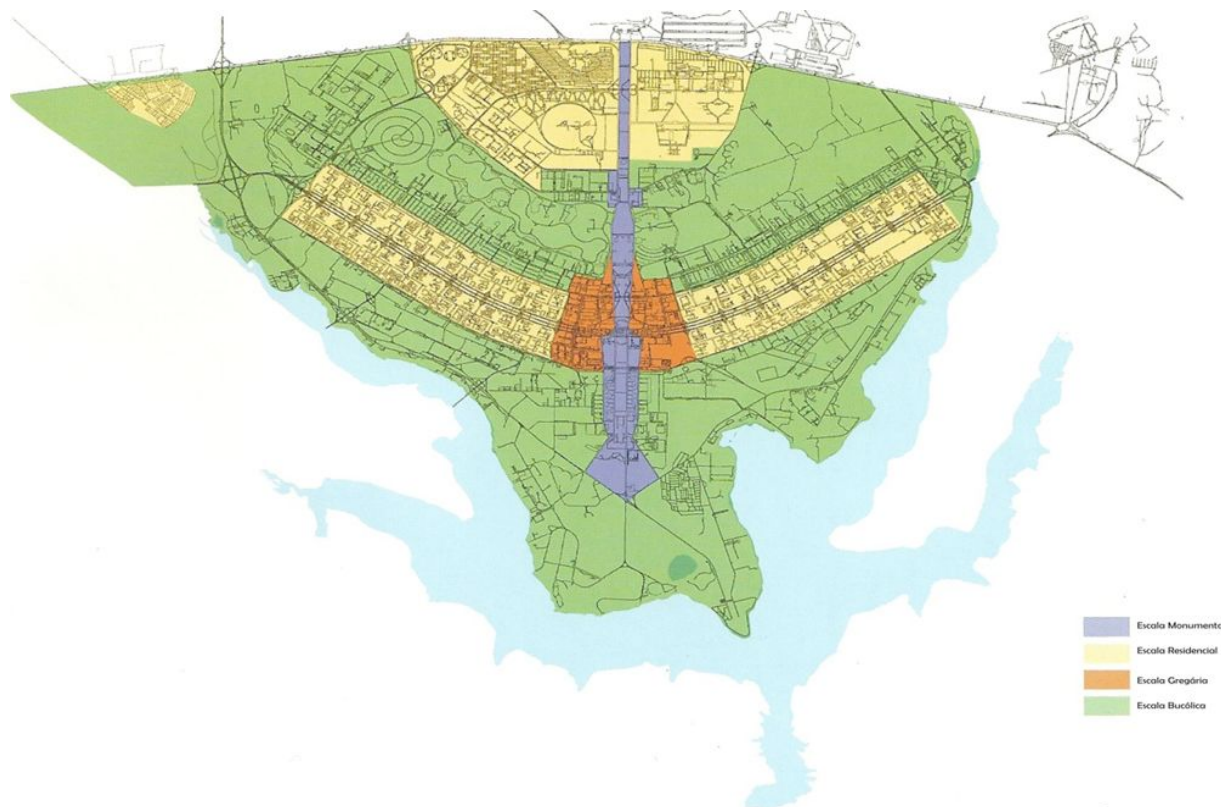
- *Monumental* (ou simbólica e coletiva): configura a imagem capital do país; comanda o eixo Monumental, onde dispõe de maneira disciplinada a massa edificada com vertentes verticais; o Congresso Nacional opõe-se diametralmente à Torre de TV, mantendo o canteiro central gramado e livre de ocupação desde o nascente até o poente; é marcada por vazios, ritmo, diferença de escala e movimento em linha reta.
- Residencial (ou doméstica): compreende o eixo Rodoviário, Asa Sul e Norte; é formada pelas superquadras residenciais e entrequadras comerciais (comércio local, áreas de recreio e equipamentos de uso comum, tais como escolas, igrejas, cinemas, clubes); definição geométrica dos territórios através da arborização densa da faixa verde que a delimita; o gabarito das edificações é de até seis andares, mantendo um vão livre com pilotis; a circulação é livre por toda unidade de vizinhança.
- Gregária (ou de convívio): se dá na convergência dos dois eixos, o que seria exatamente o centro do Plano; tem na Plataforma Rodoviária o seu



elemento de vital importância; formada também pelos setores de diversões, bancários, hoteleiros, médico-hospitalares, autarquias, rádio e TV.

– Bucólica (ou de lazer): confere o caráter cidade-parque; permeia toda a cidade e o acesso ao lago; constitui-se de áreas livres, gramados, parques e jardins; são áreas de lazer e preservação paisagística. (COSTA, 2013).

Figura 5 – As quatro escalas de Brasília.



Disponível em: <<https://goo.gl/CAgCPv>> Acesso em: 17 jun. 2018.

A partir desses conceitos de Lucio Costa a escala monumental foi escolhida para se melhor entender quais seriam as percepções levantadas sobre as interações da população nesse espaço, a fim de se gerar informações mais precisas e de se atribuir o projeto às necessidades dos usuários em um sistema focado em um contexto mais delimitado. A escala monumental se configura pelo Eixo Monumental, desde a Praça dos Três Poderes até a Praça do Buriti. “É assim que, sendo monumental é também cômoda, eficiente, acolhedora e íntima. É ao mesmo tempo derramada e concisa, bucólica e urbana, lírica e funcional” (COSTA, 1957).

Foi desenvolvido um questionário *on-line* para se levantar informações mais precisas sobre a visão e relações de interação das pessoas com a escala

monumental de Brasília, para que a partir dele sejam traçados perfis dos principais agentes sociais presentes no contexto da escala. O questionário possui um teor qualitativo, focando na qualidade das informações e não tanto na quantidade dos dados. Após coletados, os dados foram condensados em um mapeamento de agentes sociais.

O questionário descritivo teve como taxa de amostragem o total de setenta e duas pessoas participantes, entre cidadãos de Brasília, residentes do Distrito Federal e de outros estados do país. As oito perguntas elaboradas foram agrupadas em dois blocos, sendo o primeiro com três e o segundo com cinco questões.

Após se levantar dados sobre a forma que as pessoas enxergam e se relacionam com os monumentos, foi observado que a sensação mais elencada foi a de 'indiferença', sendo seguida pela sensação de 'opressão'. Outras sensações negativas foram atribuídas e essa experiência como 'vazio', 'pertencimento', 'contrate social' e 'desigualdade'. Nota-se que essas respostas também vêm de experiências diferentes em relação à mesma escala, apontando uma amplitude de ações que podem ser associadas a diferentes sujeitos e perfis sociais sobre o espaço monumental em si. Quando questionados em relação a magnitude dos monumentos a principal resposta foi a de 'apreciação', mas em seguida tivemos seguidos relatos negativos como 'rejeição', 'indiferença', 'solidão', 'conflito' e 'distanciamento'; apontando que mesmo se apresentando em menor número, essas experiências se mostram latentes e interiorizadas negativamente de formas muito mais pessoais, possuindo conotações mais amplas do que a visão positiva de apreciação sobre a magnitude escalar das edificações. O mesmo efeito ocorre na questão seguinte, ao serem questionados diretamente sobre suas reações ao interagir com os monumentos, a primeira resposta é o 'encantamento', possuindo um caráter positivo. Mas logo em seguida as outras pessoas demonstram reagir de forma negativa relatando sensações como 'estranhamento', 'indiferença', se sentindo 'repelidos' e até 'nojo'. Já a última questão objetiva levanta a característica mais predominante sobre o cidadão Brasiliense, a mais evidenciada foi a 'simpatia', porém os atributos críticos e negativos em conjunto superam em porcentagem de resposta aos relatos positivos pela diversidade de características atribuídas, destacando-se

‘esnobismo’, ‘arrogância’ e ‘prepotência’, assim como similares ‘individualismo’ e ‘egocentrismo’.

Foi feita uma alocação de interações com o espaço que vai de acordo com seus agentes, e, atribuído um viés poético de caracterização, foram geradas algumas personas que interagem de forma similar como as relatadas na escala monumental. Foi atribuída aos perfis uma diversidade de caracterização referente ao cruzamento de dados coletados nas respostas da população com questionário. As personas e suas diversas ações no espaço denotam o conjunto de percepções às interações ali realizadas, ajudando a representação do complexo contexto urbano presente na escala que estão inseridas, podendo essa realidade ser representada de maneira mais conclusiva e didática.

Nota-se que as relações de interação mais latentes na escala monumental são as de pessoas que *intervêm* no espaço, as que *normatizam* o espaço garantindo suas ações atreladas a função lhes foi designada; as que *apreciam* contemplando-o como ele se apresenta; temos as que agem com o intuito de *ressignificá-lo*; as que se *apropriam* dele com suas próprias ações de interação; as que o utilizam para se *ostentar* recursos e a sua própria realidade frente aos outros; e as que o *humanizam*, dando um caráter mais significativo e poético à sua estrutura rígida ali presente.

## 5 PREMISSAS

A partir da contextualização sobre o espaço e o seu processo de concepção, temos como objetivo desenvolver uma reflexão sobre as problemáticas levantadas na forma como os cidadãos do Distrito Federal percebem a sua relação com o espaço brasiliense e com as pessoas que ali ocupam. A partir dos dados apresentados pela pesquisa e pelo questionário, podemos levantar algumas premissas para que sejam incorporadas no processo a partir desta etapa.

Os preceitos do modernismo aplicados à setorização espacial presentes em Brasília focam na funcionalidade e organização de seus territórios. Sob essa ótica se observa a ocorrência de um fenômeno salientado pelas respostas dos participantes do questionário, sendo apresentado por uma metáfora: a segregação socioespacial por meio de “bolhas” sociais. No caso a bolha cerca o indivíduo como uma redoma

que protege e delimita o seu raio de interação, limitando sua vida a interações esperadas em um ambiente mais restrito aos limites de seu contexto usual. Sem elementos que possam divergir de sua realidade ou acarretar mudanças em suas ações e comportamentos. A bolha representa uma fronteira invisível que tende a limitar o campo de atuação do sujeito ao interagir com outros contextos e realidades.

A segregação socioeconômica, como visto na etapa de pesquisa, verticaliza as interações entre camadas e classes da sociedade. A magnitude das edificações presentes na escala monumental garante rigidez e austeridade pela materialidade dos monumentos, o que acaba por cercar e delimitar ainda mais o raio de interação e atuação das pessoas que por ali transitam, fortalecendo o surgimento de bolhas invisíveis que delimitam a forma como os cidadãos interagem com a cidade.

A ampla magnitude espacial presente nos espaços da escala monumental de Brasília também acaba por distanciar e segregar ainda mais a população em suas experiências de acesso à cidade. No caso de populações periféricas o acesso ao centro depende de gastos financeiros maiores, além da atribulada experiência no longo deslocamento necessário; uma idéia similar a ótica do toque de recolher se apresenta na condição dos transportes públicos em horários limitados, fortalecendo a estrutura das bolhas, pois acabam por delimitar o acesso das pessoas a outros espaços que não sejam aqueles aos quais ocupam.

Essa ótica age de forma a impedir que o indivíduo saia do seu respectivo setor, segregando ainda mais essa população. A prerrogativa que garante essa alocação populacional à margem do centro é o próprio modelo urbanístico modernista que concebeu a cidade, correspondendo a ótica de segregação interiorizada pela setorização dos espaços.

A partir das premissas levantadas o público alvo do projeto se atribui, de maneira geral, como sendo a população do Distrito Federal (incluindo a população Brasiliense respectiva ao plano piloto), mas se aplica focando no público que transita e interage com os espaços da escala monumental da cidade. Porém a experiência com os produtos desenvolvidos se destina ao cidadão de uma maneira mais individualizada, pois a experiência se baseia na assimilação da reflexão proposta ao sujeito em relação a compreensão de seu contexto, para então apresentá-lo à novas perspectivas ampliando sua percepção sobre as outras realidades daquele espaço.

O processo de design se foca em desenvolver uma experiência de reflexão ao usuário sobre as então nomeadas bolhas sociais presentes no contexto urbano de Brasília e do Distrito Federal. A criação de um manifesto se apresenta frente a essa convenção social segregadora que oprime e divide as pessoas pela identidade atribuída a determinados grupos, através de uma experiência de empatia, o manifesto atua como um ponto de partida para se gerar novas experiências de identificação sobre a população da cidade, apresentando diferentes realidades presentes no mesmo contexto urbano. O objetivo de se levar o usuário, em contato com o manifesto e seus desmembramentos, para outras realidades irá interferir estourando as bolhas a partir de outra metáfora, a abertura de um portal.

**PARTE II**  
DESENVOLVIMENTO

## 6 MANIFESTO

Inicialmente o foco do manifesto está em representar, por meio de sua conceituação, a essência das interações presentes nos espaços monumentais da cidade. De maneira a trabalhar a empatia e sua subjetividade no inconsciente coletivo dos cidadãos. Observando as interações mais latentes presentes no contexto urbano a partir de duas escalas de interação: a relação das pessoas com as pessoas e a relação das pessoas com o espaço na escala monumental.

O conceito arquitetônico do termo portal se apresenta como sendo a “entrada principal e monumental de um edifício nobre, de um templo, de uma cidade; portela, pórtico” (MICHAELIS, 2015). O termo se aplica como uma materialização figurativa da intenção objetivada pela ação do manifesto: a abertura de uma passagem para se transportar pessoas de um local (ou contexto) a outros ali existentes, apresentando novas realidades e formas de interação. Ao sugerir que o usuário se coloque no lugar do outro, indo para além da “bolha social” em que está inserido, o manifesto atua de maneira a fomentar uma experiência de maior empatia sobre o cotidiano na escala espacial estabelecida.

A partir do manifesto pode-se atuar reverberando uma reflexão à população (público alvo) sobre a ótica de segregação social também presente na forma como a sociedade brasiliense interage, buscando-se melhorar essas relações tendo a empatia como elemento de combate perante a forte segregação presente na escala.

Poggenpohl e Ahn, colocam que um manifesto é uma forma particular de comunicação que se baseia em três crenças: (1) a de que uma mudança ocorreu ou um novo insight alterou o entendimento de uma situação; (2) que agentes humanos podem mudar as circunstâncias para algo mais desejável; e (3) que o momento é vantajoso tanto para o manifesto quanto para a mudança que ele busca. Um manifesto bem-sucedido seria um chamado à ação que estimula e coordena a mudança. Aqui, é interessante o foco na busca por uma mudança. Unindo as duas posições, podemos definir um manifesto como a expressão de um posicionamento a respeito de uma situação que visa algum nível de mudança na configuração presente desta situação. (POGGENPOHL e AHN, 2012, p. 62).

Manifesto é definido como uma “declaração pública para finalidades diversas”. (MICHAELIS, 2015). Portanto, a declaração pública sobre a reflexão objetivada pelo projeto se mostra relevante frente a intenção de se desenvolver algo a partir das

problemáticas sociais levantadas. Evidenciando as percepções geradas no processo.

É certo que a poesia concreta, conforme aparece em documentos teóricos, parece-nos apresentar um escopo teórico e crítico que lhe permite não só assimilar procedimentos de diferentes linguagens (do jornal impresso, da propaganda, do rádio ou da televisão), abrindo o trabalho da poesia para um campo muito pouco explorado pelos poetas até então, como é o do designer e o das tecnologias de comunicação de massa. (BARBOSA, 2013).

O manifesto PORTAL não se apresenta seguindo os preceitos textuais mais básicos na estrutura de um manifesto. A intenção do projeto é subverter essa ótica tornando sua percepção ao público mais fluida e de fácil reprodução nos espaços cidade, assim como um poema atrelado às intervenções urbanas. O suporte visual para o manifesto não é rígido, não há uma diagramação única normatizada para a sua composição visual.

Rogério Barbosa (2013) afirma que “a poesia concreta nasceu sob o signo da ruptura e da negação vanguardista, o que a predispôs, como é comum nessas formas artísticas, a um violento embate com alguns setores da sociedade, da crítica literária e artística e da própria criação poética então dominante”. A partir desta afirmação, o manifesto PORTAL ganha a nomenclatura de PORTAL CONCRETO. O termo ‘concreto’ representa a estrutura rígida e inflexível de opressão criticada, conceitualmente o concreto presente na escala monumental serve de alicerce para a estrutura a ser combatida. A relação nominal PORTAL CONCRETO evidencia essa superfície metafórica que o manifesto busca relativizar. Portanto, o manifesto se desenvolve como um elemento referenciado pela vertente de poesia concreta.

Na coluna à esquerda estão os elementos de linguagem que representam as pessoas (usuário), à direita estão os blocos que apresentam as principais percepções e relações de interação analisados sobre a escala monumental. Essa hierarquização sobre as informações se dispõe a gerar 3 narrativas de leitura. A primeira seria a linearidade em destaque pelo peso do tipo na coluna à esquerda, construindo a mensagem “você é tido como um ser invisível e divisivo ao andar do barro seco ao concreto”. A segunda seria a linearidade textual disposta na coluna à direita, que apresenta o escopo de um poesia. A outra interpretação seria a não linear, em que o usuário pode atribuir à sua leitura a composição disforme sobre as



outras duas linearidades poéticas, possibilitando diversas interpretações e assimilações sobre o conteúdo da reflexão apresentada.

Manifesto PORTAL CONCRETO:

**você**

a grama, o céu e o barro  
o cimento, e o concreto  
no cerrado abstrato  
do mato seco ao deserto

**é tido**

na escala, monumento  
no sereno, e o relento  
do lago planejado  
ao bloco para passar o vento

**como um ser**

esse espaço aberto é cercado  
sentamos embaixo disso  
bebendo um pouco daquilo  
para tentar perder o juízo

**invisível e divisivo**

aqui 'todo mundo se conhece'  
na busca de simples afetos  
mas o pardal que tudo vê  
nos obriga a ficar quietos

**ao andar**

a justiça pune o peão  
mas o de terno tem destino incerto  
ouço que 'todo mundo é ladrão!'  
mas também que 'todo mundo é correto!'

**do barro seco ao concreto.**

UM PORTAL não mais secreto.

## 6.1 IDENTIDADE VISUAL DO MANIFESTO

As assinaturas gráficas do manifesto PORTAL CONCRETO possuem grande importância para a sua aplicação em totalidade, pois atuam como elementos de reverberação da intenção, assim como fortalecem a pregnância da marca e unificam as diferentes peças de e aplicações da coleção visualmente.

Figura 6 – Marca PORTAL: Logotipo.



Fonte: do autor.

O logotipo tem como principal objetivo normatizar o sistema de identidade visual a partir de suas diferentes assinaturas (símbolos). Ele se mantém presente como um elemento fixo e rígido em sua disposição na composição da marca.

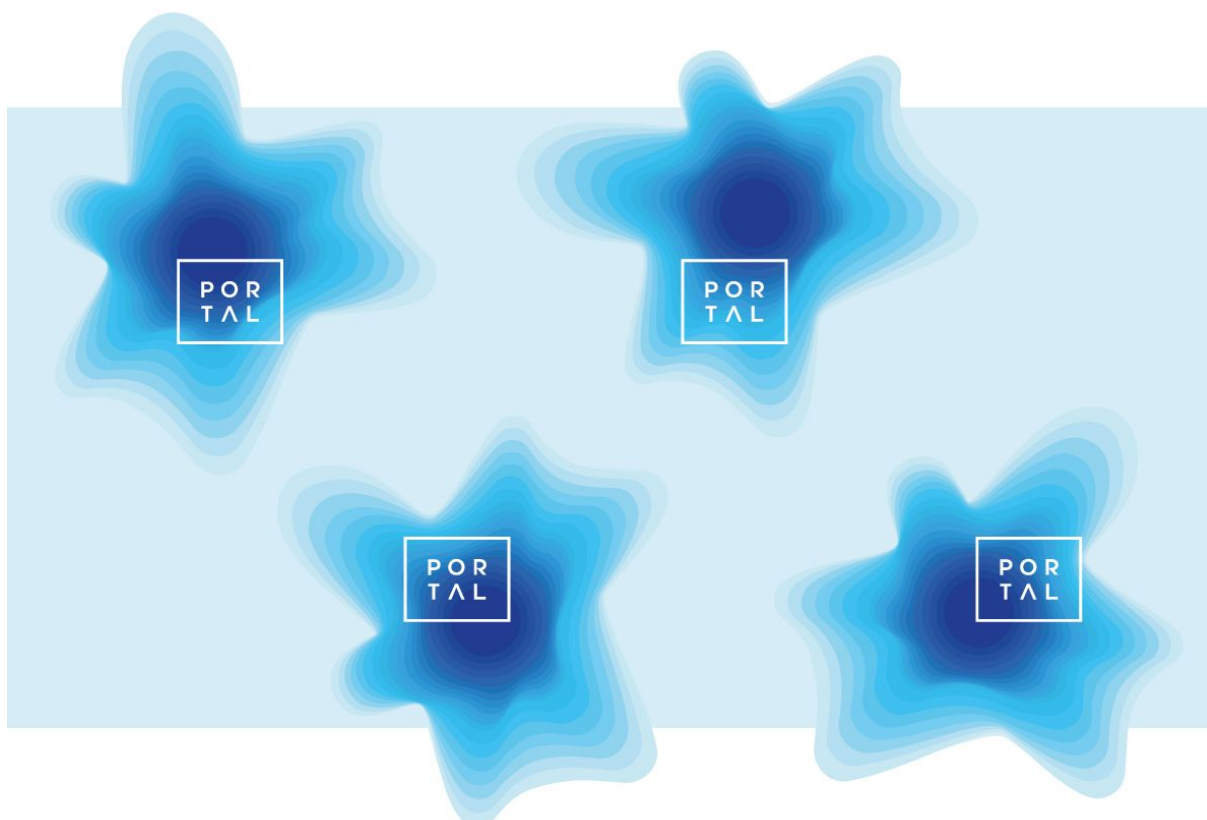
Figura 7 – Marca PORTAL: Assinatura Principal.



Fonte: do autor.

O símbolo se apresenta com um elemento cambiante, sempre posicionado de fundo ao logotipo, indo contraponto a ele, se compõe de forma completamente fluida e mutável. O símbolo origina inúmeras assinaturas quando rotacionado ao fundo.

Figura 8 – Marca PORTAL: Exemplos de assinaturas cambiantes.



Fonte: do autor.

As cores selecionadas foram baseadas na representação das tonalidades mais pregnantes no espaço Brasiliense, sendo o azul uma referência ao céu aberto da cidade. A variação tonal traduz um aprofundamento tridimensional por camadas, configuração atribuída a manifestação visual de um 'portal sendo aberto em meio ao céu'. A alta escala de azul apresenta um bom contraste com diversos tons de cinza, que representam o concreto no sistema da marca. A sua aplicação frente ao branco denota uma ruptura sobre a visualidade bidimensional, sendo um elemento de composição para chamar a atenção do público. Essas alegorias na composição das cores são representadas como referências ao contraste visual ambientado na escala

monumental de Brasília. A variação de cor parte do tom azul celeste<sup>4</sup> com acréscimo gradativo de 2,5% de ciano (C) e 2,5% de preto (K) até o alcance de 20 tonalidades em escala de adição de cor.

Figura 9 – Variação tonal da escala de azul.



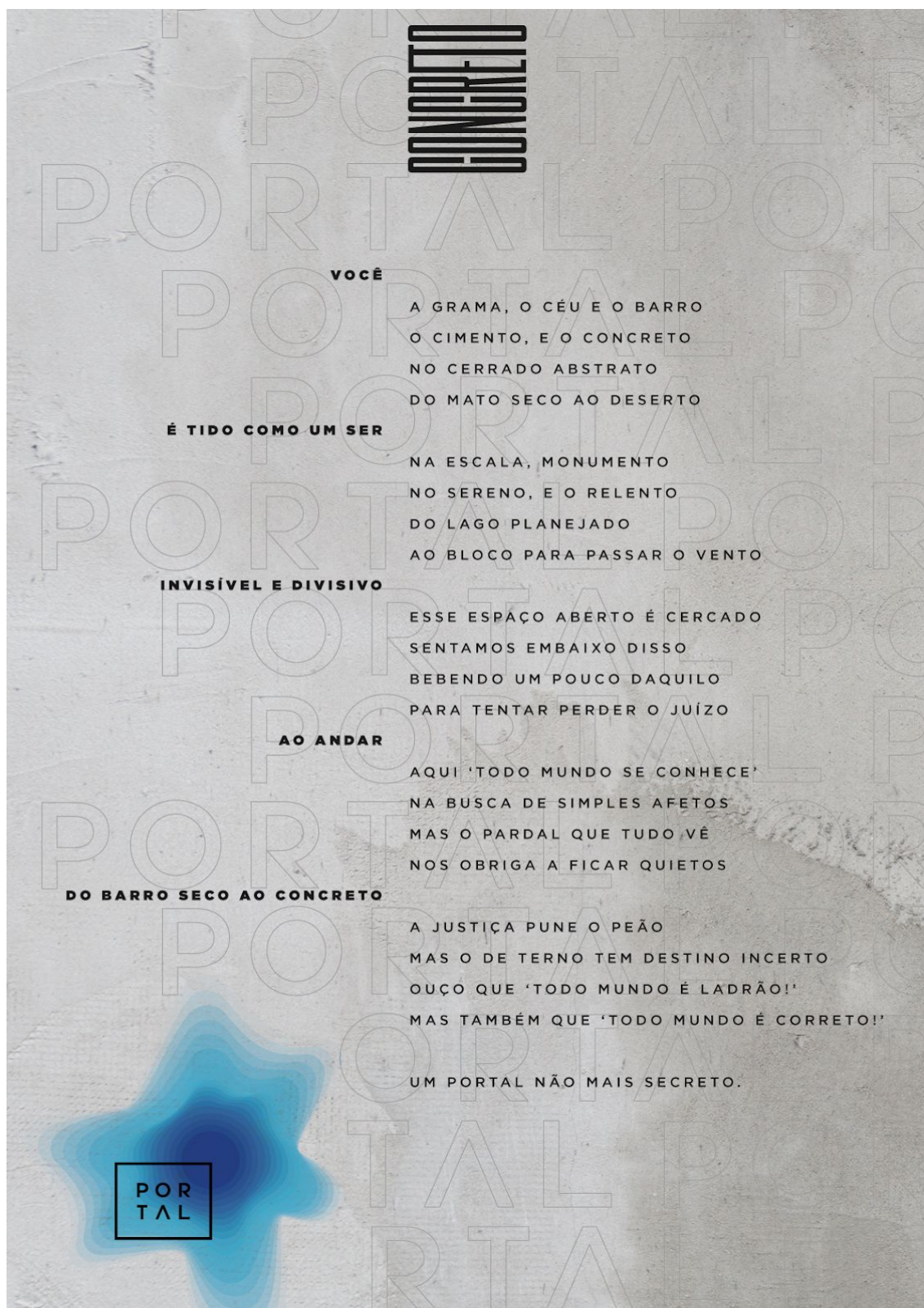
Fonte: do autor.

As diversas assinaturas do manifesto garantem maior versatilidade à marca, facilitando a sua assimilação e melhor apropriação pelo público alvo. A manifestação de uma personalidade gráfica mais complexa incorpora à sua identidade um aspecto orgânico, sendo este um elemento importante observado em intervenções urbanas.

---

<sup>4</sup> Composição CMYK (C: 20% M: 0% Y: 5% K: 0%)  
Composição RGB (R:213 G:237 B:248)  
Hexadecimal: #D5EDF8

Figura 10 – Cartaz de aplicação da marca e manifesto.



Fonte: do autor.

## 7 VESTIMENTA E INDUMENTÁRIA

Seja por questões convencionadas como pudor, ou por atributos físicos de proteção a temperatura e outros fatores climáticos, ou pela própria proteção de seu corpo. Se vestir, além de necessário, é obrigatório à sociedade. Essa normativa se apresenta como máxima sobre as pessoas em diferentes níveis e classes sociais.

Ao observar a cidade ao redor de nosso campo de visão podemos notar que todos estamos trajados de vestimenta. Carlos Gardin (2008) afirma que “[...] o corpo é considerado o primeiro veículo de comunicação e expressão utilizado pelo ser humano para a produção, reflexão e análise do conhecimento”. Observa-se que o ato de se vestir é inerente a necessidade humana de expressão, tendo o corpo como suporte para materialização física desse ato. A indumentária representa diversos significados por meio de sua forma e composição, podendo caracterizar a definição de um estilo pessoal ao indivíduo por suas escolhas baseadas na personalidade.

Zygmunt Bauman (2001) apresenta a ideia de que existe uma necessidade contínua pela individualização da sociedade moderna, do mesmo modo como as atividades dos indivíduos resultam na reformulação da sociedade. O modo de agir e de se vestir dos indivíduos na sociedade é diretamente influenciado pelo seu comportamento. Os princípios do comportamento se desenvolvem de acordo como se estabelecem novos processos de individualização. A identidade individualizada pelas escolhas por meio da indumentária pode ser considerada como um fenômeno comportamental, possibilitando a expressão da personalidade do indivíduo em si.

Evidenciou-se, através dos moldes, a evolução da vestimenta que partiu de um simples retângulo para, então, apresentar formas elaboradas onde a intenção estava clara. [...] Neste sentido, enfatizou-se que o vestuário realmente denotava uma intenção, [...] É no corte do traje que está descrita sua intenção e sua expressão torna-se o reflexo dessa intenção. (KÖHLER apud CASTRO, 2006, p. 145).

Desde os tempos mais primórdios as peças de vestimenta se apresentam como elementos pertencentes à sociedade. Pessoas se vestem e, por menor que seja o seu direcionamento, exercem uma intenção atrelada à sua personalidade. Após esta breve elucidação sobre os conceitos de vestimenta, busca-se usar da criação de peças em indumentária como ferramentas para a materialização do manifesto elaborado.

O processo de concepção da moda enquanto técnica de construção da roupa, no que diz respeito à forma, evidenciou o grande diferencial do corte que determinava o talhe, ou seja, o caimento perfeito no corpo. A quantidade de tecidos e ornamentos, os detalhes e enfeites usados para elaborá-la tinham, todos, um significado particular de distinção. (CASTRO, 2006, p. 145).

A função da vestimenta como uma vitrine interativa da personalidade do indivíduo, principalmente para a aglomerada relação de interação no contexto de centros urbanos. O elemento de distinção apresentado se caracteriza pela necessidade do indivíduo pertencer e existir em meio a sociedade.

A partir das percepções levantadas, atribui-se ao projeto, como parte do movimento criado pelo manifesto, a aplicação de sua marca para além da poesia concreta. O desenvolvimento de uma experiência tátil de interação por meio de artefatos que carreguem sua mensagem é uma necessidade para se alcançar os objetivos do projeto. Portanto, é dado início ao processo de concepção de uma marca além de sua visualidade, objetivando contato da população com objetos pertencentes à marca. Os objetos a serem desenvolvidos se apresentam conceitualmente também como sendo portais, tendo visto que foram projetados, assim como o manifesto, para possibilitar experiências de visualização a partir da reflexão sobre as outras realidades.

Peças em indumentária se mostram como produtos que atendem a intenção do projeto em relação a sua materialidade, sendo construídos a partir do método atribuído a este processo de design. Os produtos validam o anseio do público alvo por melhores interações com o espaço monumental no cotidiano. As ações e estilo presente nas personas se baseiam no levantamento de dados atrelado aos anseios dos próprios usuários em questão, e servem ao projeto trazendo visualidades e caracterizações portáteis que podem ser disponibilizadas ao público se traduzidas nas peças de indumentária.

Os produtos da marca portal se complementam aos estilos próprios de cada cidadão, pois se apresentam com resultado de um processo de investigação do inconsciente coletivo sobre o espaço que pertencem, e carregam características de suas próprias visões e vivências na escala monumental retratada. As interações

impressas às peças se mostram como um requisito de base para a personalidade da marca se ligando ao usuário pela interação das personas com as peças criadas.

## 8 PEÇAS E PERSONAS

A marca representa a necessidade de se explorar novos estilos e formas de representação frente aos movimentos de referência da coleção como o modernismo urbanístico e etc. Os *looks*<sup>5</sup> devem representar em seu estilo próprio a necessidades do contexto definido, assim como se focar na forma que o usuário enxerga a persona e suas ações frente ao espaço. A principal interação da persona no espaço deve ser representada por sua personalidade no *look*, sendo essa personalidade atribuída ao conjunto de peças no look. A partir de suas próprias ações, percebe-se como elas seriam realizadas por agentes na cidade que possuem outros contextos. Essa apresentada pela combinação das peças que a marca dispõe. Segue abaixo a conceituação sobre e personas e os seus respectivos croquis gerados:

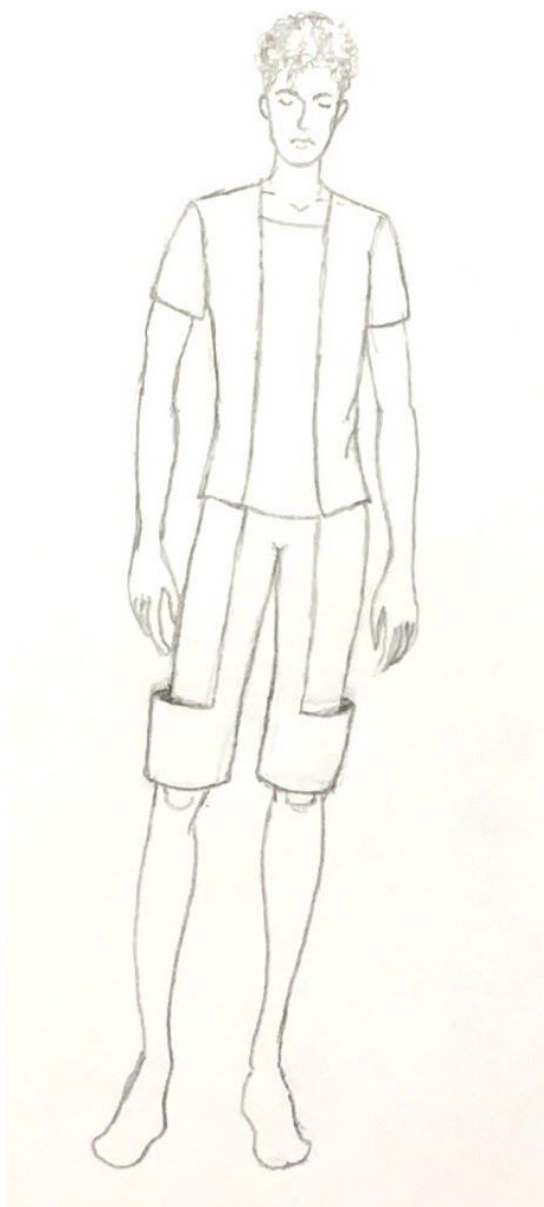
- Humanização (Jardineiro): A primeira persona é caracterizada pela poética de uma flor (ou planta) que mesmo frente aos empecilhos do espaço a sua frente, consegue quebrar o concreto e florescer sobre o chão e suas rachaduras. Os elementos estilísticos ao indivíduo se dão pela referência pelas ações de um Jardineiro, sendo esse o responsável por cultivar e colher a beleza sobre o terreno, por mais infértil e difícil que seja esse processo. O cuidado e tratamento humano se mostra como algo imprescindível ao processo de humanização dos espaços;

---

<sup>5</sup> O termo *look* faz referência a visualidade impressa pela composição de uma ou mais peças de roupa em um mesmo conjunto de vestuário (o visual montado).



Figura 11 – Croqui Jardineiro.



Fonte: do autor.

Figura 12 – Cartaz persona Jardineiro (Humanização).



Fonte: do autor.

- Intervenção (Ocupante): A segunda persona representa o ocupante, o sujeito que intervém em um espaço ao qual não pertence. Ativista social e militante. Aquele que manifesta, marca o espaço com “pixo” e o usa como tela para demonstrar suas indagações e revoltas frente à segregação legitimada pela estrutura que molda esse espaço. Suas ações engajam reflexão e o mesmo se utiliza do próprio espaço de opressão como tela de exibição para sua crítica;

Figura 13 – Croqui Ocupante.



Fonte: do autor.

Figura 14 – Cartaz persona Ocupante (Intervenção).



Fonte: do autor.

- **Normatização (Funcionário Público):** As edificações monumentais presentes nessa escala na cidade tem suas relações de interação com a população normatizadas pelos usuários e funcionários dos prédios. Atribui-se a esta persona o cargo de funcionário público. Aquele que atende à estrutura de funcionalidade em relação ao trabalho a ser exercido. Um servidor do espaço, atuando sob os preceitos em que foi moldado;

Figura 15 – Croqui Funcionário Público.



Fonte: do autor.



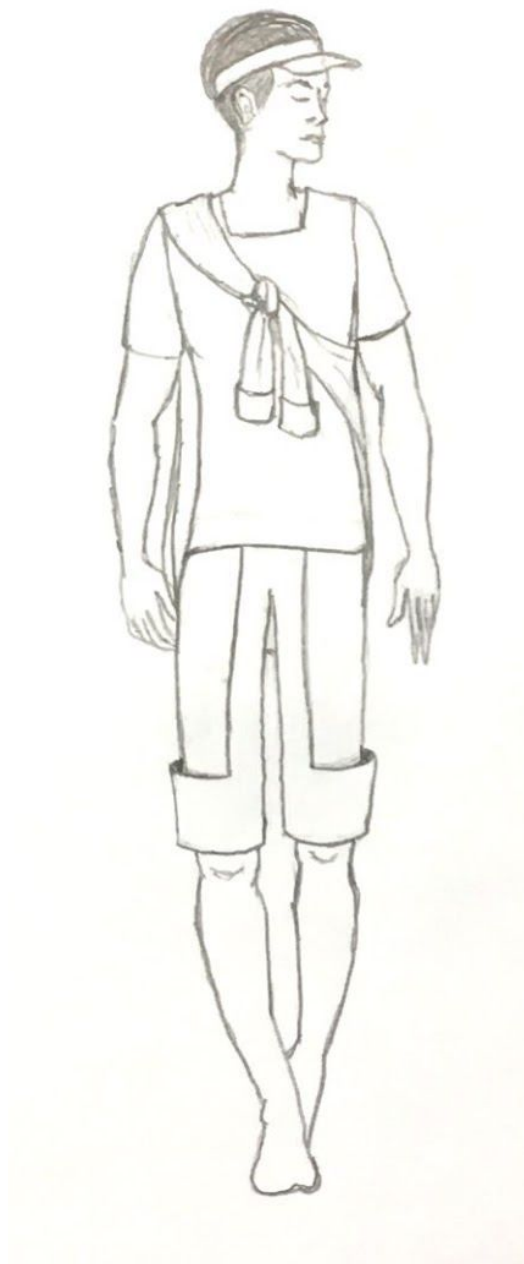
Figura 16 – Cartaz persona Funcionário Público (Normatização).



Fonte: do autor.

- **Apreciação (Turista):** Essa persona não representa apenas aquele que não mora em Brasília, mas sim à todos que desconhecem as relações de interação com o espaço. O indivíduo que contempla e admira a magnitude escalar do espaço;

Figura 17 – Croqui Turista.



Fonte: do autor.

Figura 18 – Cartaz persona Turista (Apreciação).



Fonte: do autor.



- Ressignificação (Transeunte): Essa persona se caracteriza pelo exercício do trajeto nos espaços da escala, um caminhante. O cidadão que utiliza os caminhos apresentados pelo espaço de acordo com os seus desejos, realizando percursos mediante à sua intenção. Um transeunte. Sendo representado pela metáfora presente no caminho dos desejos. Esse caminho se refere ao rastro que as pessoas deixam ao caminhar pelos terrenos descampados de territórios não demarcados. O caminho dos desejos não é caminho mais correto e acertado para se andar, porém é o caminho em que o deslocamento não depende da estrutura cimentada da cidade (não se andar pela calçada por exemplo). Aquele que faz o seu próprio caminho ao transitar pelo espaço, deixando um rastro sobre a terra que transitou.

Figura 19 – Croqui Transeunte.



Imagem: do autor.

Figura 20 – Cartaz persona Transeunte (Resignificação).



Imagem: do autor.

- Apropriação (Esportista): As características atribuídas a essa persona são as de utilização do espaço para realizar atividades que causam bem-estar e melhorias a estrutura física do indivíduo. Corredores, atletas, skatistas, ciclistas, ou seja, agentes que se apropriam da concretude do espaço com diferentes práticas de uso e outras atividades de lazer no estilo de vida da população.

Figura 21 – Croqui Esportista.



Imagem: do autor.

Figura 22 – Cartaz persona Esportista (Apropriação).



Imagem: do autor.

• **Ostentação (Detentora):** Essa persona representa uma das interações mais complexas, pois se atribui ao perfil de pessoas que têm a ótica de segregação interiorizada como insumo à valorização de seu status social sobre as demais classe sociais. São eles os detentores de poder econômico e de altos cargos na sociedade. A estrutura presente na escala monumental evidencia seus cargos, assim como o seu poder aquisitivo, servindo como base para esta estrutura hierárquica. Entende-se que os monumentos de Brasília, em sua maioria, existem para representar relações de poder sobre a sociedade. Essa persona caracteriza um agente de legitimação sobre como devemos sentir essas relações de poder e hierarquia no cotidiano.

Figura 23 – Croqui Detentora.



Fonte: do autor.

Figura 24 – Cartaz persona Detentora (Ostentação).



Fonte: do autor.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devemos reconhecer que não é possível se ter uma resposta imediata sobre o processo desenvolvido, pois as problemáticas levantadas a respeito da cidade são estruturais. A partir disso observa-se que as soluções não podem ser conjunturais, e de curto prazo. O manifesto se apresenta como uma tentativa de melhorar as relações estabelecidas, analisando o contexto e atuando como uma ferramenta de transformação dessa realidade. As poéticas materializadas nas peças de indumentária buscam sugerir novas perspectivas ao público por meio de uma ação: um desfile com as peças criadas.

O desfile, como sendo um ato de intervenção e manifestação das narrativas desenvolvidas, intenciona representar as relações de interação presentes na escala monumental um ato de intervenção urbana. A materialização do manifesto com o desfile se apresentará como uma experiência à sugerir reflexões ao presentes, mantendo-se a semântica visual desenvolvida pelo manifesto em si, sua visualidade aplicada na identidade visual da marca e pelas formas das peças em indumentárias geradas em uma coleção. A coleção das roupas traduz uma efemeridade em sua composição e representa figurativamente, seja em suas formas ou em composição do look, as personas geradas como agentes de intervenção do espaço monumental.

O manifesto em seu primeiro ato, ou seja, o desfile em si será realizado posteriormente as etapas do processo relatadas por este relatório, mas se mantém como uma ação futura de implementação do projeto e de apresentação do processo como um todo à seu público alvo.

O projeto teve como intenção inicial provocar reflexões a partir da percepção das pessoas sobre suas relações de interação com a sociedade e com o espaço na esfera brasiliense, observando também a interferência que a escala monumental de Brasília e o espaço urbano do Distrito Federal manifestam em suas interações cotidianas. Buscou-se levantar as principais características presentes na visão e nas ações da população nessa escala, para que os processos de design e de síntese conceitual sobre essas relações de interação possibilitem uma maior empatia e compreensão sobre os processos de segregação presentes no contexto urbano de Brasília. Assim, podemos utilizar o manifesto e suas ramificações pelo projeto como ferramentas de transformação social, atuando mediante às necessidades do usuário.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Rogério. **Poesia concreta**: a crítica como problema, a poesia como desafio. O Eixo e a Roda: V. 22, Nº 2, Belo Horizonte: CEFET-MG, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução – Plínio Dentzien. Título original: Liquid Modernity. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BONSIEPE, Gui. As Sete Colunas do Design in: **Design, do material ao digital**. Florianópolis: FIESC/IEL, Santa Catarina, 1992.

BRAGA, Milton. **O Concurso de Brasília: Sete projetos para uma Capital**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

CASTRO, Georgia. **A Roupas, a Moda e a Mulher na Europa Ocidental Medieval**: Reflexo da opressão sofrida pela mulher na Idade Média (século: XI-XV). 2006. 159 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Arte Contemporânea, Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

CARDOSO, Rafael. **Uma introdução à história do design**. 3ª ed. São Paulo: Edgar Blücher, 2008.

COSTA, Lúcio. **Relatório do Plano Piloto de Brasília**. Distrito Federal: NOVACAP, 1957.

COUTO, Ronaldo Costa. **Brasília Kubitschek de Oliveira**. Rio de Janeiro, Record, 2002.

DAMIANI, Amélia Luisa. **O urbano e a tríade, poder e cultura**. 1. ed. p. 109-120. Salvador, 1999.



DARDEL, Eric, **O Homem e a Terra: Natureza da realidade geográfica**. Ed. Perspectiva, 2001.

GOUVÊA, Luiz Alberto. **Violência estrutural**. 2 ed. Dimensões da violência urbana. Brasília: Editora Universidade de Brasília. pp. 132-163, 2005.

HOLANDA, Frederico de. Brasília: utopia ou segregação à brasileira? **Le Monde Diplomatique Brasil – Copyleft**, São Paulo, 26 abr. 2016. Disponível em: <[www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=3217](http://www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=3217)> Acesso em: 12 mai. 2018.

MALRAUX, André, Ministro dos Assuntos Culturais da França, Discurso proferido em Brasília, 24 de Agosto, 1959. Disponível em: <<http://manoeltimbo.blogspot.com/2010/04/andre-malraux-e-brasilia-capital-da.html>> Acesso em: 10 mai. 2018.

MERLEAU-PONTY, Maurice, **Fenomenologia da Percepção**. Martins Fontes, São Paulo, 1996.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 08 mai. 2018.

PAVIANI, Aldo. **A construção injusta do espaço urbano**. 2 ed. Dimensões da violência urbana. Brasília: Editora Universidade de Brasília. pp. 132-163, 2005.

SCHNEIDER, Beat. **Design – Uma Introdução. O design no contexto social, cultural e econômico**. São Paulo: Edgar Blucher, 2010.

SOUZA, M. L. As drogas e a questão urbana no Brasil. A dinâmica socioespacial nas cidades brasileiras sob a influência do tráfico de tóxicos. In: CASTRO; GOMES; CORRÊA. **Brasil: Questões atuais da reorganização do território**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

TAVARES, Jeferson. **Projetos para Brasília e a cultura urbanística nacional**. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – EESC-USP, São Carlos, 2004. Disponível em:  
<[www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18131/tde-23092008.../jeferson\\_tavares.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18131/tde-23092008.../jeferson_tavares.pdf)  
> Acesso em: 12 mai. 2018.

TOSTA, Lena. Texto **Exposição Brasília Utopia**, Brasília, 2013.

## APÊNDICE

Pesquisa Qualitativa sobre a relação das pessoas com o espaço Brasiliense.

Questão 1 – Qual o seu nome?

Para a primeira questão optou-se por preservar os dados informados sendo essa a única questão não obrigatória à conclusão do questionário. Os nomes expostos estão protegidos e não serão divulgados em qualquer publicação futura.

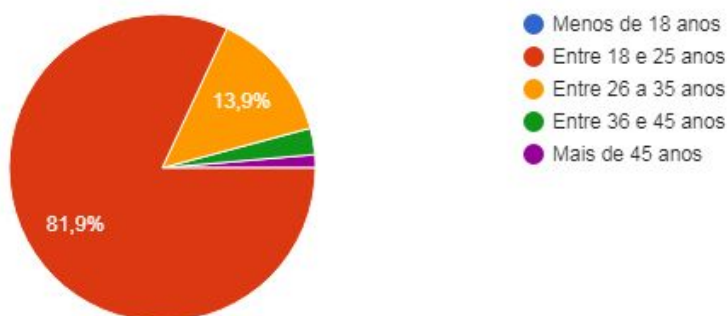
Questão 2 – Qual a sua idade?

A segunda questão levantou dados sobre a faixa etária: Com uma variedade abrangente indo de menos de 18 a 25 anos (81,9%), de 26 a 35 anos (13,9%), de 36 a 45 anos (2,8%) e acima de 46 anos (1%). Apresentando um foco de amplitude maior a uma faixa etária mais específica para delimitação do projeto.

Figura 25 – Questionário: Gráfico de idade.

### 2. Qual a sua idade?

72 respostas



Fonte: do Autor.

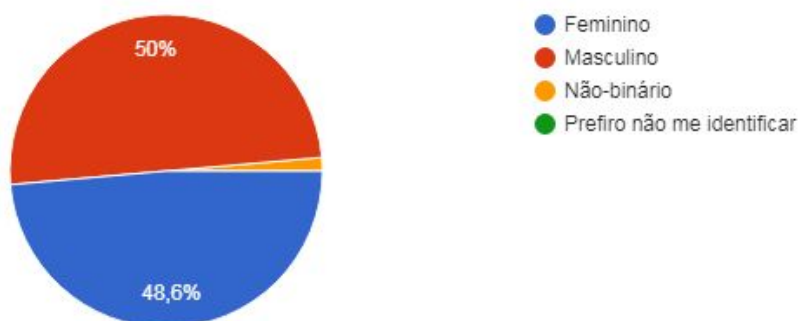
Questão 3 – Gênero.

A terceira questão levantou dados sobre o gênero: O público feminino não foi maioria (48,6%), mas se aproximou bastante do público masculino (50%). Apenas uma pessoa se identificou como sendo não-binário (1%) e nenhum dos participantes deixou de informar o gênero, preferindo não se identificar.

Figura 26 – Questionário: Gráfico de gênero.

### 3. Gênero

72 respostas



Fonte: do Autor.

Questão 4 – Qual a principal sensação que os espaços de Brasília te causam?

A quarta questão levanta quais as sensações que os espaços mais causam: As sensações de indiferença (30,6%), opressão (26,4%) e liberdade (15,3%) foram as três alternativas sugeridas pelo questionário, porém uma quarta alternativa era a opção outros (27,7%) onde o usuário pode colocar sua própria opção. Foram apresentadas sensações como vazio (2,8%), não pertencimento (1,4%), clara existência de contraste social (1,4%), organização (1,4%), impotência (1,4%), nunca fui a Brasília (1,4%), magnitude (1,4%), exploração/exploratório (1,4%), “muito espaço entre as pessoas” (1,4%), desigualdade (1,4%) e modernidade (1,4%).

Figura 27 – Questionário: Gráfico sobre a sensação que os espaços causam.

#### 4. Qual a principal sensação que os espaços de Brasília te causam?

72 respostas



Fonte: do Autor.

Questão 5 – Qual a principal sensação que a magnitude dos espaços de Brasília e sua grandeza te causam?

A quinta questão levanta quais as sensações que os espaços mais causam: As sensações de apreciação (47,2%), rejeição (19,4%) e indiferença (16,7%) foram as três alternativas sugeridas pelo questionário, porém uma quarta alternativa era a opção outros (16,7%) onde o usuário pode colocar sua própria opção. Foram apresentadas sensações como pequenez (2,8%), distanciamento (1,4%), distância (1,4%), solidão (1,4%), poder (1,4%), insignificância perante algo tão grande (1,4%), nunca fui a Brasília (1,4%), conflito (1,4%), atemporalidade (1,4%), incômodo (1,4%) e introspecção (1,4%).

Figura 28 – Questionário: Gráfico sobre a magnitude e grandeza dos espaços.

5. Qual a principal sensação que a magnitude dos espaços de Brasília e sua grandeza te causam?

72 respostas



Fonte: do Autor.

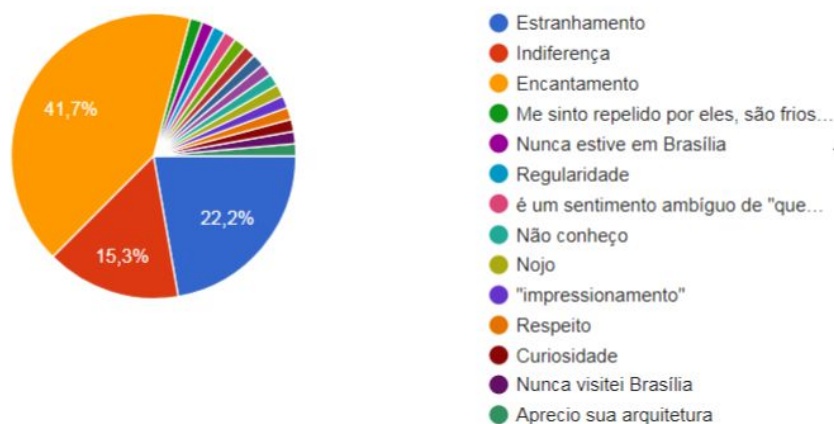
Questão 6 – Qual é a sua principal reação ao interagir com os monumentos de Brasília?

A sexta questão levanta quais as reações que os monumentos causam: As sensações de encantamento (41,7%), estranhamento (22,2%) e indiferença (15,3%) foram as três alternativas sugeridas pelo questionário, porém uma quarta alternativa era a opção outros (20,8%) onde o usuário pode colocar sua própria opção. Foram apresentadas sensações como “me sinto repellido por eles, são frios e pouco acolhedores” (1,4%), nunca estive em Brasília (1,4%), regularidade, é um sentimento ambíguo de "que bonito a teoria por trás da ideia" e "deve ser difícil morar/viver cotidianamente aqui" (1,4%), não conhecimento (1,4%), nojo (1,4%), respeito (1,4%) “impressionamento” (1,4%), curiosidade (1,4%) e “aprecio sua arquitetura” (1,4%).

Figura 29 – Questionário: Gráfico sobre a interação com os monumentos.

## 6. Qual é a sua principal reação ao interagir com os monumentos de Brasília

72 respostas



Fonte: do Autor.

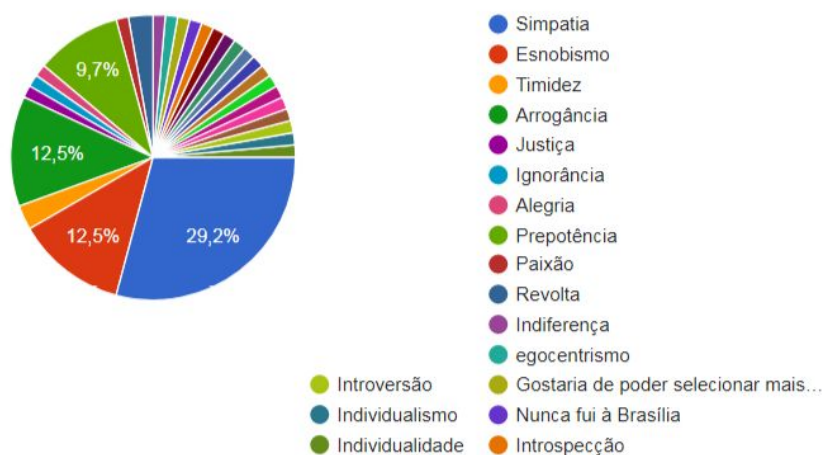
Questão 7 – Na sua visão qual a característica mais predominante sobre os cidadãos brasileiros?

A sétima questão levanta quais as características mais predominantes sobre os cidadãos brasileiros: As alternativas sugeridas pelo questionário foram simpatia (29,2%), timidez (15,3%), esnobismo (12,5%), arrogância (12,5%), prepotência (9,7%), revolta (2,8%), justiça (1,4%), ignorância (1,4%), alegria (1,4%) e paixão (1,4%). Porém a opção outros também foi disponibilizada (15,2%) e o usuário podia colocar a sua própria opção. Foram apresentadas características como egocentrismo (1,4%), "gostaria de poder selecionar mais de um, paixão e prepotência" (1,4%), nunca fui a Brasília (1,4%), introspecção (1,4%), introversão (1,4%), individualismo (1,4%) e individualidade (1,4%).

Figura 30 – Questionário: Gráfico sobre a interação com os monumentos.

7. Na sua visão qual a característica MAIS predominante sobre os cidadãos brasileiros?

72 respostas



Fonte: do Autor.

Questão 8 – Como você descreve a sua experiência com as pessoas e com o espaço urbano de Brasília?

A oitava questão pedia para que o usuário descrevesse a sua experiência com as pessoas e com o espaço urbano de Brasília de forma breve, em texto curto ou com uma palavra. Segue a tabela com as respostas:

Lista 1 – Questionário: Experiências com as pessoas e com o espaço.

A cidade me faz me sentir isolado, a distância entre as construções distanciam as pessoas, que são naturalmente indiferentes e pouco calorosas.

É bem contraditório/sentimentos mistos. É bonito e agradável mas ao mesmo tempo o vazio dos espaços me afasta; é fácil conhecer e interagir com pessoas mas difícil se conectar de verdade. Relação de amor e ódio no geral.

O espaço achei bem insosso, na verdade... acho que pelas distâncias, o branco, tudo sabe? Mas e pessoas me trataram bem, foram receptivas e muito dispostas. Justiça é a palavra.

Hostil. O ar de superioridade que alguns ambientes transmitem a mensagem que nem todos são bem vindos ali. Mas apesar disso é um espaço lindo e sempre vivo boas experiências.

Com as pessoas que conheci é foi uma boa experiência no geral porém com o espaço urbano foi



conturbado e cansativo.
Com as pessoas foi boa, já com os espaços foi mais difícil pois é bem diferente do que estou acostumada.
Os espaços me causaram paradoxalmente deslumbramento e nostalgia, nostalgia por ter atuado na adolescência em uma peça de Oswald Montenegro que se passava em Brasília :) e as pessoas que conheci todas são maravilhosas, mas pareciam insatisfeitas com a cidade.
O sentimento mais predominante nos dois casos é o de desconforto, as pessoas/coisas, em um primeiro momento, pelo menos, quase sempre tem essa aura de rejeição ou afastamento. Quase como se não fosse pra estarmos lá, outro lugar, mas não lá, não com tal pessoa e afins.
Experiências distintas conforme seu olhar para cada espaço, situação.
Fria e distante.
É muito difícil a locomoção e fico puto.
É tudo muito longe e difícil de acessar.
Sempre dá pra melhorar.
Individualismo.
Dificuldade de locomoção.
Distância.
Fui em Brasília apenas duas vezes e achei as pessoas legais, visitei os espaços clichês de turistas. Foi uma experiência legal.
Só tem gente top. Das pessoas que eu conheci, todas são muito acolhedoras, inteligentes e muito conscientes.
Agradável em alguns momentos e frustrante em outros.
Inspiradora.
Adoro todas as pessoas, mas os espaços me fizeram me sentir padronizado, me senti como em um condomínio fechado, quase uma cidade que impõe como as pessoas que moram nela devem se portar, não gosto.
Não fui a Brasília, não sei opinar.
Não é à toa que é chamada de a capital do Brasil.
Relativamente boa.
Impõe opinião.
Não conheço a cidade e creio que devido a situação política e econômica atual, a cidade causa muita indignação aos cidadãos. Quanto a experiência com as pessoas da cidade, sinto um pouco de deslocamento cultural por se tratar de uma cidade novo em um contexto de formação cultural. Vale ressaltar que a cidade possui grande monumentos que marcam a história do modernismo mundial.
Média. Se eu tivesse um carro seria melhor.
Depende dos humanos, na maioria vejo pessoas esnobes e chatas, mas tenho amigos únicos e incríveis nesse lugar do mundo.
Nunca fui à Brasília.
Minha única experiência com Brasília foi durante um evento de estudantes de design, tirando o estranhamento que a organização da cidade tem, todo o resto foi bom, as pessoas foram simpáticas no geral.

No geral o espaço urbano me pareceu pouco amigável. Não conheci muitos lugares, porém nos espaços que visitei senti falta da interação com as pessoas e a falta de preocupação com o conforto das mesmas.
Gosto das gírias, me dão vontade de conhecer. Mas acho que vou me perder do começo ao fim, porém eu amo.
Nunca estive em Brasília.
Surpreendente.
Constante questionamento.
Ela tem seus atritos, mas tende a calma depois de tudo.
Meu contato com Brasília foi muito conflituoso, já que fui em períodos de tensão e com intuito de participar de manifestações. E acabei conhecendo a cidade durante uma manifestação cheia de conflitos, mas o principal sentimento que tive foi de estar perdida, por não entender onde terminam as quadras, o que é espaço público (ruas, calçadas, praças) e privados (estabelecimentos, prédios, quintal de um pessoa), eu não acreditava quando estudávamos história ou ouvia as pessoas falarem, mas realmente me senti em uma maquete, em que eu só entenderia se estivesse olhando mais de cima. Meus contatos com as pessoas também foram conflituosos, por um lado conheci a pressão das polícias locais, a "mando" de outros moradores da cidade (políticos) e no outro pessoas extremamente carinhosas e receptivas explicando como funcionava a cidade tanto físico quanto culturalmente.
Foi interessante. Brasília é bizarra porque ela é e não projetada para ter gente (na real que eu me sentia cometendo um pecado toda a vez que andava a pé). Nunca me senti tão intrigada e expulsa na mesma proporção num lugar. Tenho vontade de voltar pra entender qual é a de Brasília.
Eu gostei, porque tudo pra mim foi interessante do ponto de vista de novidade e experiência diferente do contexto urbanístico que estou acostumada.
Nunca visitei Brasília, tenho vontade pq quero conhecer o Brasil todo. Conheço algumas pessoas de lá, mas nenhuma delas nasceu e viveu sua vida toda lá, a experiência de conversar com elas é interessante, com papos legais.
As poucas pessoas que conheci de Brasília eram incríveis.
Espaços que fazem eu me sentir pequena por contraste.
Menos que agradáveis.
Asco.
Uma experiência histórica.
Relação de complacência.
Relações equidistantes.
Incompleta.
O espaço não urbano não é convidativo nem acolhedor. Tampouco facilitador para a interação entre as pessoas. É muito difícil conhecer pessoas "na rua" como ocorre em outras cidades. Ou você já é amigo de alguém que te apresenta uma nova roda de amigos ou anda sempre com as mesmas pessoas.
Pessoas com grande ego e privilégio.
Fragmentada, existe uma grande possibilidade de abertura, tranquilidade e paz, mas também muito espaço entre as pessoas, as pessoas podem ser muito cheias-de-dedos, desconfiadas, tem sempre pouca gente andando na rua.

Mínima e fria.
Sempre positiva, talvez por estar sempre envolta de um núcleo familiar. Gosto da cidade, dos espaços, do clima.
Uma cidade linda, na qual as pessoas não a vivem e fazem de Brasília uma cidade sem vida.
Apropriação
Parece meio hostil se tu não tens carro. A cidade parece ser feita para carros e não para pessoas.
Crescente sinergia.
Foi como se tivesse sido recebido em casa.
É um tanto trabalhoso, mas pode ser bem agradável.
Morei em Brasília por muito tempo, gosto muito de Brasília e das pessoas que conheci. Acho que ainda dá pra ter mais espaço para a população se expressar.
Na verdade as poucas vezes que eu fui a Brasília, não interagi muito com as pessoas de Brasília exceto meus parentes. Mas a impressão que eu tenho de Brasília é: se você não mora no plano, tudo é extremamente longe.
Limitado.
Com as poucas pessoas de Brasília que conheci foi agradável. A que tenho com o espaço foi através de fotos e relatos, indireta.
Grandes distâncias físicas e afetivas.
Acredito que o espaço urbano não promova interação entre as pessoas da cidade ao mesmo tempo que elas não se mostram abertas 'a relacionar-se com os outros'. Normalmente converso com e pessoas que conheço na rua e se mostram abertas, mas durante a conversa descubro que elas não são de Brasília.
Nunca fui à Brasília, mas com as pessoas sempre foi muito boa. Percebo a maioria delas muito abertas a conversas despretensiosas e papões.
A integração ocorre desde que você participe de algum(ns) grupo(s). Eu diria que a minha experiência é boa!
Brasília é como um ovo, você sempre tem algum amigo em comum até mesmo com a pessoa mais aleatória que encontrar na rua.
Normal.

Fonte: do Autor.

ANEXO

Table with 2 columns: Assuntos and Diversos. Lists various news categories and their page numbers.

1ª FOLHA DE S. PAULO
FOLHA DA MANHÃ - 3 HORAS
ANO XXIV \* São Paulo - Santa-Fé, 22 de abril de 1960 \* N.º 11.043

PREVISÃO DO TEMPO
(Fornecida pelo Serviço de Meteorologia do Ministério de Agricultura e válida até as 24 horas de hoje para todo o Estado de São Paulo)

O PRESIDENTE DA REPUBLICA DECLARA INAUGURADA A NOVA CAPITAL DO PAÍS

NESTA EDIÇÃO
Semana do Concreto Pretendido
Mulheres em funções de fiscalização de tributos



"A Bandeira que vai tremular nos céus do Brasil simbolizará um país que se tornou maior"

que títio de nosso imenso território, ostentam uma estrela a mais. Porque o país cresce, se animou do espírito criador, e esse espírito criador produzirá mais uma unidade na Federação.
"Al está a estrela do Estado da Guanabara que se vem juntar aos 29 Estados que formam harmoniosamente o Brasil, Capital Federal da pátria brasileira, centro das futuras decisões políticas, cidade das futuras decisões políticas, cidade das futuras decisões políticas..."

2.713.o aniversário de Roma

ROMA, 21 (UPI) — Esta vez o aniversário de Roma celebra o 2.713.o aniversário da cidade.
Este ano, o aniversário realista com o inaugurando da nova cidade do mundo — Brasília, a nova capital do Brasil.

90 grevistas paralisam o porto de NY

NOVA YORK, 20 (UPI) — Houve uma paralisação de grevistas no porto de Nova York, paralisando o comércio marítimo da cidade.
Os grevistas, que são membros do Sindicato dos Trabalhadores em Comércio Exterior, começaram a greve às 5 horas da manhã de hoje.

Suspensa a 15.a partida Tahl-Botvinnik

MOSCÚ, 21 (UPI) — A 15.a partida de "matemática" de xadrez, entre o campeão mundial de Xadrez, foi suspensa depois de fazerem as lances (Tahl-Botvinnik) que se fez a partida se reiniciará amanhã.

Morreu o ator Marcelo Giora

MOSCÚ, 21 (UPI) — Peluso, um ator italiano de cinema e teatro, morreu de um ataque cardíaco em um hospital de Moscou, aos 63 anos de idade, no dia 19 de abril.

SATELITE "ECO" DEVERÁ FORMAR CADEIA DE TV INSTANTANEA E MUNDIAL

CAROL CANAVIERAL, 21 (UPI) — A Direção Nacional de Aviação e Espaço anunciou hoje que pretende lançar um satélite "radioespial" de 30 metros, com o formato de um globo. O lançamento deverá ser realizado a 8 de maio, do Cabo Canaveral.
Um satélite será constituído por uma esfera de alumínio, com um diâmetro de 30 metros, coberta por uma camada de alumínio polido e gravada a 1.600 quilômetros de altura. Uma vez lançado em sua órbita, que será entre os 40 graus de latitude norte e sul, o satélite será ligado ao sistema de televisão terrestre.

Lançamento do "Aerobee"

FLORIDA, 21 (UPI) — O foguete "Aerobee" foi lançado hoje a um altitude de 240.000 metros do Cabo Canaveral, para testes de voo.
O foguete foi lançado a uma altitude de 240.000 metros, para testes de voo. O foguete foi lançado a uma altitude de 240.000 metros, para testes de voo.

Isolado um virus do cancer em ratos

LONDRES, 21 (UPI) — Um vírus capaz de provocar o câncer em ratos foi isolado e identificado por cientistas britânicos, anunciou hoje o Dr. Cecil Weisberg, diretor do Fundo Imperial de Pesquisa sobre o Câncer, indicando ainda que o atual descobrimento é fruto dos trabalhos de uma equipe de especialistas dirigidos pelo Dr. R. J. G. Harris, do Centro Experimental de Múrcia.
"É a primeira vez que se isolou um vírus capaz de provocar o câncer em animais totalmente distintos do homem, peixe ou de Dr. Harris. Acreditamos que do referido descobrimento podem resultar duas possibilidades: a primeira é que um vírus pode constituir a origem do câncer humano. A segunda, que a referida experiência isolou, por si mesma, a existência de espécies distintas de vírus correspondentes aos diferentes tipos de câncer." O vírus que isolamos isolou, pressionou Dr. Harris, não é o mesmo que ataca o corpo humano, mas nos Sorex, espécie de rato, importante elemento para novas investigações.



Os candangos desfilam

— As soldadagens do dia, ontem, em Brasília, tiveram praticamente o seu fim com o grandioso desfile dos candangos, aberto pelo prefeito Israel Pinheiro, de pé, sobre um jipe. Cerca de quatro quilômetros de veículos conduziram os operários da nova capital ao longo do Eixo Monumental, sob os aplausos ruidosos de grande número de pessoas.

Dominada pelo governo a rebelião na Venezuela

Pouco dominado pelas forças lealistas e movimento revolucionário na Venezuela, na cidade de San Cristóbal, que ocorreu há algumas horas tropas vitoriosas. O chefe das rebeliões, general Juan María Castro Fariñas, fugiu de San Cristóbal, dirigindo-se ao que se espera, para a Colômbia. Soldados do Exército nacional foram empurrados para fora da cidade.

Aniversário de Lenine

MOSCÚ, 21 (APP) — Amadida, será comemorado em todo o mundo o aniversário de Lenine, o líder revolucionário russo. O aniversário será comemorado em todo o mundo, com o lançamento de fogos de artifício e a realização de reuniões populares. O aniversário será comemorado em todo o mundo, com o lançamento de fogos de artifício e a realização de reuniões populares.

Morreu o "Príncipe dos Poetas" da França

PARIS, 21 (UPI) — Paul Fort, o "Príncipe dos Poetas" da França, morreu de um ataque cardíaco em sua casa em Paris, aos 80 anos de idade. Fort foi um dos principais líderes do movimento literário francês e autor de várias obras importantes.

Aniversário da rainha Elizabeth

LONDRES, 21 (UPI) — A rainha Elizabeth II comemorou hoje o aniversário de 25 anos de seu casamento com o príncipe Philip. O aniversário foi comemorado em todo o Reino Unido, com a realização de celebrações oficiais e populares.

PREVISÃO DO TEMPO

(Fornecida pelo Serviço de Meteorologia do Ministério de Agricultura e válida até as 24 horas de hoje para todo o Estado de São Paulo)